

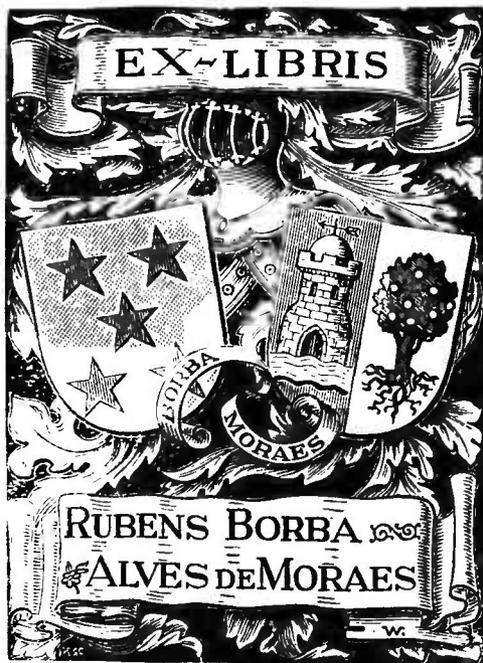
Francisco Mangabeira



Ultimas Poesias



DOIS MUNDOS-BAHIA.



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ULTIMAS POESIAS

Francisco Mangabeira

ULTIMAS POESIAS

(OBRA POSTHUMA)

1.^a EDIÇÃO

BAHIA
OFFICINAS DOS DOIS MUNDOS
35 - Rua Conselheiro Saraiva - 35
—
1906

OBRAS DO MESMO AUCTOR

PUBLICADAS

HOSTIARIO, versos, 1898.

TRAGEDIA EPICA, versos, 1900.

NO PRELO

VISÕES DE SANTA THEREZA, prosa, 1896.

A PUBLICAR

IHALMO, poema.

PAGINAS INTIMAS, prosa.

POEMETOS.

CARTAS DO AMAZONAS.



DR. FRANCISCO MANGABEIRA

MÉDICO DO EXERCITO ACREANO, NO INTERIOR DE SUA BARRACA



AO LEITOR

O QUE se vae ler é a primeira obra posthuma de Francisco Manguabeira. Organizamol-a, se não com arte, ao menos com piedade e carinho. Pode ser que ella não tenha outro merito. Para nós, humilina que seja, vale no entanto, um thezouro. Damol-a á estampa com os olhos cheios de lagrimas. Não obstante, sentimos, ao contemplal-a, uma alegria que irrompe. É que hoje, principalmente, nos apparece a lembrança do espirito que a produziu, da imaginação que a soultou. Dahi nossa tristeza. De outro lado, porém, a presente publicação nos assegura que esta lembrança vae ficar desde agora eternizada num bronze perduravel. Dahi nosso conforto.

Ha pouco mais de dois annos, o paquete *S. Salvador*, que lhe servira de esquite no isolamento do mar, desde as agoas de Gurupi, onde Elle falleceu, até as agoas do porto de S. Luiz do Maranhão, nos entregava o espolio do nosso querido Ausente, que lá ficara exilado, em sepultura longinqua, no cemiterio da generosa cidade.

Eram duas malas apenas. Encoscoradas, sem bisagras e sem forros, ellas traziam bem vivos os luctulentos indicios da jornada penosa que fizeram pelos caminhos inhospitos, rios e valles, pantanos e charcos daquelle sitio maldicto.

A bagagem boiou talvez nas agoas do nosso pranto. Examinamol-a, com toda a magoa da mais profunda saudade, peça por peça, objecto por objecto, insignificancia por insignificancia. Cada mala tinha a desordem do abandono. No meio de uma camisa machucada estavam, confusamente dispostos, a folha de um livro inedito, o retrato de um amigo distante, ou um pedaço de gazeta, contendo esta ou aquella composição litteraria. No fundo de um chapéo, o original de um soneto, o trecho de um romance, um par de meias desencontradas ou um objecto usual entre os caboclos do Norte.

Nosso primeiro cuidado foi apurar o espolio litterario que alli se conduzia. E isso fizemos pouco a pouco, ordenando tiras, classificando capitulos, reunindo paginas, que se espalhavam por toda parte, numa confusão absoluta. Foi assim que, depois de certo tempo, logramos verificar a existencia das obras que se seguem :— VISÕES DE SANTA THERESA, livro mystico, em prosa, a respeito da poetisa carmelita ; IHALMO, poema ; POEMETOS ; E PAGINAS INTIMAS, em prosa, factos da vida do auctor.

Além disso, havia ainda grande numero de poesias esparsas, umas publicadas em jornaes ou revistas e outras ineditas, sendo que, dessas ultimas, algumas incompletas, e raras escriptas em caracteres de impossivel traducção.

Pois bem, a parte aproveitada em todo esse grupo de composições poéticas esparsas é que constitue exactamente o livro que ora lançamos aos quatro ventos da publicidade.

Ha muito que o deveriamos ter feito. Não nos foi possível. Factos varios concorreram para a demora, que muito nos affligiu.

O titulo é proprio. Attestam-no as datas em que estes versos foram produzidos. Alguns ha mais antigos, que se não tinham publicado. Quasi todos, no entanto, são recentes.

Às Letras Brasileiras — offerecem a primeira obra posthuma de Francisco Mangabeira aquelles que, por algum tempo, o tiveram como a mais bella das aspirações de seu futuro, e hoje contemplam na sua grande memoria a mais triste das evocações de seu passado.

A Família do Auctor.



de Gapuri, entre Belém e S. Luiz, a 18 horas deste ultimo porto, elle morreu, no beliche n. 106 do camarote n. 40 do paquete nacional *S. Salvador*.

Dadas as participações, vestiram o cadaver com uma roupa parda e levaram-no para o xadrez de ré onde permaneceu até 3 $\frac{1}{4}$ da tarde immediata, coberto pela bandeira nacional.

O seu enterramento foi feito no cemiterio de S. Luiz do Maranhão.

Foram extraordinarias as sagrações com que, em todo o paiz, se assinalou o traspasse do poeta.

Na Capital Maranhense, o povo soube prestar-lhe grandes homenagens. Abriu-se logo na imprensa uma subscrição para ser erigido sobre um tumulo um rico mausoléu. Como, porém, a familia do extincto tencionasse transportar-lhe os restos para o cemiterio do Campo Santo, na Bahia, ficou sobre a sua sepultura, em vez do mausoléu, uma grande pedra marmore, onde além das insignias de medico e poeta, o nome de Francisco Mangabeira se destaca, em grandes letras doiradas, reverenciado, na morte, pela — *Homenagem do Povo Maranhense* ».



ULTIMAS POESIAS

MATER

E PARTISTE levando no teu peito
Todo o meu coração ; na face tua,
Pela primeira vez de risos nua,
O meu futuro gelido e desfeito.

Voaste ás regiões de ouro, onde está
A luz eterna, procurando um leito.
Por isso eu trago merencorio o aspecto
E julgo ver-te, quando vejo a lua.

Deixaste-me a vagar pelo universo,
Arrimado ao bordão puro do Verso
Sem ver o sol que de antes via em ti.

Não ha na terra um dissabor como este . . .
Dizem que existe um Deus—e tu morreste!
Dizem que elle é piedoso —e eu não morri!

Bahia, 1896.



O RIO AMAZONAS

« De onde vem esta voz frenética e atroante
Que parece escapar do peito de um gigante,

É, rasgando do espaço o illimitado véo,
Espalha-se a gritar por todo o vasto céo,

Após ter abalado a matta, a costa, a serra,
Como se acaso fosse o desabar da terra?

De onde vem ella? Agora é branda, a recordar
Um segredo de amor, nos campos, ao luar;

O gorgueio subtil de um passaro encantado
Que, contemplando o azul, fica maravilhado,

Entre-abre o bico de ouro e, quasi sem querer,
Solta um canto que faz a gente estremecer.

Por acaso será de algum genio escondido
Cujo palacio escuro, amplo e desconhecido,

Inda o não vio ninguem — csta exquisita voz,
Tão rude e tão subtil, tão meiga e tão feroz ?

Porque anceia, curvado e tremulo, o arvoredo,
A maneira de leões a tiritar de medo?»

Assim pergunta a brisa, ouvindo com terror
Um grito que se muda em cantico de amôr.

Não achando resposta o vento em ancia extranha,
Cresce, incha, rodopia, as arvores assanha,

Ergue nuvens de pó, torna-se furacão,
E é um doido a sacudir os ferros da prisão.

O espaço é um antro azul, immenso, esplendoroso,
E por elle o tufão agita-se furioso,

Raiva, fugindo á voz que entre explosões e ais
O acompanha, e é maior, e o aterrorisa mais.

É o rio que, a rolar, canta e rugue, violento,
Respondendo talvez ás perguntas do vento,

Que se amedronta, ouvindo-o . . .

O rio é como um rei
Que nas arvores tem uma formosa grei

De pagens triumphaes e olympicas escravas,
A que o sol dá broqueis, capacetes e aljavas.

Inda ha pouco rolava, estoirando em cachões,
Na quéda . . . A luz do dia arrancava clarões,

Incendios inmortaes, estrellas, pedrarias
Do thesouro real de suas aguas frias . . .

A cachoeira gloriosa era o espelho do sol,
Reflectindo-se nella, ás horas do arrebol .

Das aguas a cahir uns tremulos salpicos
Ficam a rutilar como adereços ricos

Nas folhas de esmeralda, apresentando assim
Perolas e coraes em cofres de setim,

A modo de brilhante e esplendido debuxo
O matto a revestir de um espantoso luxo.

Depois—era uma encosta—e elle, tonto, desceu,
Desviando um filete incendiado, que deu

Um gemido tão vago, um suspiro tão doce
Que uma ave se occultou humilhada . . . e calou-se.

É que o gigante, sempre indomito e revel,
Mandava um fio de agua a tremulo docel

De flôres, e ella então, louca, ficou pingando,
Como um pranto a rolar das flôres soluçando . . .

Porém, esta doçura em breve se acabou,
Porque elle, impetuoso, o docel desmanchou,

E avolumando o curso audaz, de lado a lado,
Deu um pulo, entesou o tronco revoltado,

Empolando-se todo em desesperos mil,
Sinuoso e colleante a modo de um reptil,

Cuja cauda *sem fim*, retorce de tal modo
Que parece arrochar, gemendo, o mundo todo.

As onças a rugir chegam de muito além
Para espiar o duello e, não vendo ninguém,

Rolam os olhos mãos nas orbitas redondas
Esgueiram-se, e, curvando as patas hediondas,

Vão se agachar atrás das arvores senis,
A cujo tronco adusto, assombradas e vis,

Se collam . . . Á feição de collossaes espectros,
Ou desgraçados reis sem thronos de ouro e sceptros.

As arvores, tremendo, afilam-se, de pé,
E ante o rio voraz, dizem juntas:— Quem é?

Mas o altivo gigante, escachoando, avança,
Aos barrancos eguaes, colérico, se lança,

A separar com furia as pedras, a torcer
As plantas, a arrancar os troncos com prazer . .

E os troncos vão boiando aos tropicaes fulgores,
Rebentando-se ainda em preciosas flores

Como ninhos ideaes que aos passaros seduz,
E ás phalenas gentis, bordadas a ouro e luz,

Que, vendo-os a descer entre olores e roncós,
Adejam de vagar e pousam nesses troncos . . .

E bifurca-se o rio, ilhas formando aqui,
Um estreito adeante, um lago puro alli . .

Mais além se desdobra em monstruosas curvas,
Encrespa ferozmente as grandes aguas turvas,

Arranca uma canôa, e a vae levando já,
Por sobre a correnteza, enganadora e má,

Até que ella se afunda, e, como o adeus extremo,
Vê-se apóz, á flor da agua, abandonado — um remo . . .

Assim o rio, em sua heroica estupidez,
Deixa em tudo um signal de gloria ou de revez . .

É o Deus omnipotente e eterno destas zonas
Este genio monstruoso e angelico: — O AMAZONAS,

De que as arvores são esplendidas galés,
E tem por cortesãos onças e jacarés,

Que empinam a cabeça em meio ao sorvedoiro,
Para que o sol os possa aureolar de oiro

É a terra ama o titão que a fecunda e a destróe,
Como se fôra um Deus! Um martyr! Um heróe!

Assim, entre o respeito e as orações da matta,
O rio que, ao luar, é uma cobra de prata

É ao sol, grande reptil de fogo, ouro e rubins,
Immenso como o céu, reflecte-lhe os confins,

É ao chegar no oceano os seus furores dobra .
Ninguém pôde domar a enraivecida cobra

Que pula, curveteia, um tal barulho faz.
Que parece trazer consigo Satanaz.

Mas o Atlantico enorme as fauces escancara
É a cobra, mais furiosa, ao inimigo encara,

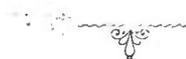
Põe-se quasi de pé, tomba arrancando uns sons,
Que da angustia e do horror tem os terriveis tons.

Cae soberanamente em cima do oceano,
É esborôa-se apoz num desespero insano.

Estrondando um rugir que vae de norte a sul . . .
O mar no inquieto seio illimitado azul,

Todo o peso do rio indomito recebe,
E o engole. É um monstro máo que a outro monstro bebe,

Tal um sonho que ainda ha pouco era o melhor,
Realizado, desfaz-se ante um sonho maior .



LUCTA INTIMA

HA dentro em mim este contraste: — um rio
De aguas quasi geladas que serpeia
Junto a um vulcão ardente e luzidio,
Que em labaredas infernaes se ateia.

O rio é largo e ás vezes tempesteia
Num turbilhão horrifico e sombrio...
Então cae cinza do vulcão, a areia
Torna-se negra, e o ar torna-se frio...

São as aspirações e o desengano
Que vivem nesse batalhar insano...
E delles eu não sei qual o mais forte.

Essa lucta feroz e enraivecida
Dá-me valor para arrostar a vida
È desassombro para olhar a morte.

Bahia, Outubro — 1899.



HYMNO ACREANO

QUE este sol a brilhar soberano
Sobre as mattas que o vêem com amor,
Encha o peito de cada acreano
De nobreza, constancia e valor.
Invenciveis e grandes na guerra,
Imitemos o exemplo sem par
Do amplo rio que briga com a terra,
Vence-a, e entra brigando no mar.

Fulge um astro na nossa bandeira
Que foi tinto no sangue de heróes,
Adoremos na estrella altaneira
O mais bello e o melhor dos pharóes.

Triumphantes da lucta voltando,
Temos na alma os encantos do céu
E na fronte serena radiando
Immortal e sagrado trophéo.
O Brasil, a exultar, acompanha
Nossos passos, portanto, é subir
Que da gloria a divina montanha
Tem no cimo o arrebol do porvir.

Fulge um astro na nossa bandeira
Que foi tinto no sangue de heróes,
Adoremos na estrella altaneira
O mais bello e o melhor dos pharóes.

Possuimos um bem conquistado
Nobrememente, com as armas na mão.
Se o offenderem, de cada soldado
Surgirá de repente um leão,

Liberdade—é o querido thesouro
Que, após tanto lutar, nos seduz :
Tal ao rio que rola — o sol de ouro
Lança um manto sublime de luz.

Fulge um astro na nossa bandeira
Que foi tinto no sangue de heróes,
Adoremos na estrella altaneira
O mais bello e o melhor dos pharóes.

Vamos ter, como o premio da guerra,
Um consolo que as penas desfaz,
Vendo as flores do amor sobre a terra
E no céo o arco-iris da paz,
As esposas e mães carinhosas,
A esperar-nos nos lares fieis,
Atapetam a porta de rozas
E cantando entretecem laureis.

Fulge um astro na nossa bandeira
Que foi tinto no sangue de heróes,
Adoremos na estrella altaneira
O mais bello e o melhor dos pharóes.

Mas se o audaz estrangeiro algum dia
Nossos brios de novo offender,
Luctaremos com a mesma energia,
Sem recuar, sem cahir, sem tremer . .
E ergueremos então destas zonas
Um tal canto vibrante e viril,
Que será como a voz do Amazonas
Echoando por todo o Brasil.

Fulge um astro na nossa bandeira
Que foi tinto no sangue de heróes,
Adoremos na estrella altaneira
O mas bello e o melhor dos pharóes.



SEPULCHRO EM FLOR

ELIA morreu! Seu rosto descorado
Lembra uma flôr de cêra,
Um lírio que murchou acalentado
Pelos beijos de amor da primavera.

Seu leito ainda está quente e em desalinho,
Como que já saudoso
Por vêr que ficará triste e sósinho
Como um céu sem um ponto luminoso.

O travesseiro azul de velbutina
E de fronha arrendada
Guarda os sonhos finaes d'essa menina,
Os ultimos clarões d'essa alvorada.

Seus olhos, onde outr'ora
Tantas estrellas palpitaram juntas,
São a estrada onde agora
Segue um cortejo de illusões defuntas.

Apezar de tão pallida, dir-se-ia
Que inda tem vida e está agonizando,
Bem como Venus quando raia o dia,
E o dia della agora ia raiando.

Mas está morta... Enorme
Dulçôr enche seu rosto de meiguice.
Parece até que dorme
E dorme... e sonha... e ri-se...

Beijem-lhe a face desbotada e quieta
Como o amor de um doente...
Mas não orvalhe o pranto essa violeta
Que morreu linda, como o sol no poente,

Cruzem-lhe as mãos no peito,
Fechem de manso os olhos dessa louca...
E encham de margaridas o seu leito
E de beijos constellem sua bocca...

Que um lenço perfumado
Envolva em rendas o seu rosto lindo;
E, pensando talvez no namorado,
Que ella fique dormindo...

E quando na canôa mortuaria
Fôr o seu corpo para o cemiterio,
O vento cantará extranha aria
Pelo palacio etherco.

E o Amazonas, desfeito em grandes magnas,
Ha de chorar atôa...
Hão de muito chorar as suas agnas,
Acompanhando a funebre canôa.

Só eu não verto pranto
Porque sei que é feliz esta donzella,
Que entra no céo maravilhado e santo
De palma e de capella.

Que tem pois que nas trevas apodreça
Sem vida a carne tua
E os vibrões perfurem-te a cabeça
E larvas te andem pela espadua núa?

Que tem que fiques reduzida a osso
No horror da terra avara,
Se tua alma sahiu do calabouço,
Tão pura como entrara ?

Dorme e sonha na plaga etherea e calma.
Que a dor nunca te abranja...
Porque levas ao céu tambem tua alma
Engrinaldada em flôres de laranja.

Capatará, 5 de Novembro de 1903.



FREIRA MORTA

HA em teu rosto angelico de freira
Tal expressão de amor e de candura
Que até recordas ideal roseira
Desabrochando em rosas de ternura.

Tu' alma suspirava prisioneira
Como teu corpo dentro da clausura
E hoje ris porque na hora derradeira
Tiveste a hora primeira da ventura.

Morreste rindo qual uma vidente
Que vê além da morte outras bellezas
Novo céu, novo sol, novo oriente...

E em tua face ha tal felicidade
Que parece que sonhas e que rezas
Agradecendo a tua liberdade.



MARTYRIO EXTRANHO

TEM a vaga tristeza dos poentes
E no entanto brilliou como a alvorada...
Naquelles olhos fundos e clementes
Vive a gemer sua alma angustiada.

Lembra uma rôla em modulos plangentes
Queixando-se por ver-se abandonada...
Ah ! pobre rôla de azas innocentes,
Quem te mandou amar sem ser amada ?

Vive chorando, mas ás veces canta
Como se visse, prasenteira e louca,
Fugir a treva que o viver lhe espanta.

Guarda comsigo uns intimos receios...
E só a lua é que lhe beija a bocca !
Só ella propria é quem lhe afaga os seios !



A TORRE DE CRYSTAL

É TODA de crystal a torre onde ella fica...
Suas paredes são
De espelhos, cuja luz extranha a multiplica,
Desde a cupula ao chão.

Tem só um aposento estreito e sem sahida,
Mas continúa em alas,
Porque a sala no vidro é sempre reflectida
Nnuma porção de salas.

Pelo tecto o céu fura o carcere doirado
Que de todo o seduz,
Vendo seu manto azul nelle multiplicado
E eterna a sua luz.

Nesta fragil prisão uma prínceza mora . . .
É moça, linda e pura . . .
Que mão encarcerou entre crystaes a aurora
Que escondida fulgura ?

Maravilhada está, a olhar em todo canto,
Porém sempre a fugir,
Uma linda mulher por sob cujo manto
Vê a carne a bolir.

Ora em baixo, ora em cima, ora ao lado, ora adeante,
Ora atraz, sempre bella,
Fita absorta a visão que a segue a todo instante . . .
E no entretanto é ella !

Olha os vidros: além, anciosa, o collo arfando,
O olhar divino a arder,
A fada celestial tambem a está olhando,
Sem se cançar de a ver.

Mas á esquerda tambem vê outras, e á direita

Muitas outras ainda . .

Sempre é a mesma mulher angelica, perfeita,

Idealmente linda!

No entretanto — quem sabe? — estas gentis miragens

Mais bellas que as manhans,

Serão filhas talvez de um Deus de outras paragens?

Serão todas irmans?

A primeira, extasiada e attonita, caminha

Em direcções oppostas . . .

Ellas ao seu encontro avançam . . . E advinha

Muitas outras nas costas.

Para e diz-lhes: O amor voraz que em mim se esconde

Vol-o dou porque em vós

Arde o fogo do céu . . . Nenhuma lhe responde . . .

Pois todas estão sós.

No entanto ellas a estão olhando meigamente . . .

Sob as vestes gloriosas

Lhes treme o corpo inteiro, e, pela bocca ardente,

Rindo desfolham rosas,

Avança a prisioneira, e se unem nos espelhos

Corpos angelicaes . . .

Mas que frio ellas têm nos labios tão vermelhos!

Diz, beijando os crystaes.

Recúa . . . e angustiada exclama, vendo todas

Unidas, recuando:

Quem sois? — e ellas então como se fossem doudas

Fingem estar falando.

— Falais, e eu não vos ouço, ó tristes companheiras . .

Não me ouvireis tambem?

Ah! quem encarcerou tão lindas prisioneiras

Que soltal-as não vem?

Do alto da torre o céu reflecte-se, glorioso,

Nos vidros do aposento . . .

E o seu carcere então é um reino esplendoroso,

É todo o firmamento.

Neste céu ella ri, soluça, canta, reza,

Vendo eterno arrebol . . .

Estrellas, as demais contemplam a princeza,

Que é da alvorada o sol . . .

Não desejas saber a historia da captiva
 Cujo fado a sujeita
A ver anjos e céus, extasiada e esquivada,
 Numa prisão estreita?

Escuta: ella nasceu no meio dos olores
 De uma tarde de Abril . .
E como a viração, a madrugada e as flôres,
 Fugiu, leve e subtil.

Nasceu quando te vi, de dentro da minha alma
 E vaporosa, e pura,
Sorriu, voou e no ar foi agitando a palma
 Do amor e da ventura.

Olhaste-a, e a pobre então olhou leve e tranquilla . .
 E desceu, e desceu . .
E de teus olhos, flôr, em cada uma pupilla
 Um mysterio se deu.

O anjo ia descendo á luz de uns olhos vagos,
 De onde foram subindo
Brilhos celestiaes, suavissimos afagos . . .
 E elle pairou sorrindo.

Olhando-o, tu — traidora! — aos poucos o enleivavas,
Até que elle baixou,
E entre paredes de ouro, e pedraria e lavas,
Prisioneiro ficou.

A illusão que nasceu do peito do poeta
Tomou a imagem tua
Que é um mixto ideal de anjo e borboleta,
De madrugada e lua.

Entre espelhos, então, a prisioneira louca,
Em delicia cruel,
Vê-te sempre, e jamais da flor de tua bocca,
Pode libar o mel.

Não acordes a escrava, ó linda carcereira,
Nunca rasgues o véu
Em que se enleia, louca e ingenua, a prisioneira
Pensando estar no céu.

Não vês como eu tambem padeço, ardendo em febre?
E receiando o mal
De que um dia talvez a ventania quebre
A torre de crystal?

Conservas tu, portanto, a triste encarcerada
Na divina masmorra . . .

Mas se a queres quebrar, deixa que a desgraçada
Muito antes disto morra.

Olha-me sempre, pois teus olhos são a vida
Que a um coração refez!

E ai de mim! e ai de mim quando elles, oh querida,
Se fecharem de vez.

A linda torre ideal ha de tornal-a fria,
E então—como isto corta!

Que dor não sentireis vendo-a negra e vasia,
E a prisioneira morta!

Caia a prisão e en morra e o vidro em estilhaços
Retalhe o peito meu,

E este cráneo, e esta bocca, e estas mãos, e estes braços,
Que são o throno teu!

Mas tu ris . . . Porque então hei de invocar a morte,
Se tudo se illumina?

Salve! torre do amor, prisão de uma alma forte
Que se tornou divina!

Vês? Dentro, a radiar, como um anjo, vagueia,
Preso, a minha illusão !
E olhas-me ! e a torre está cheia de encantos, cheia
Desde a cupula ao chão !



UMA ESMOLA !

Estão murchos os prados,
E os ninhos desmanchados
Não parecem que outr'ora foram ninhos . . .
Parecem mais sepulchros isolados,
Campas de passarinhos.

As arvores despidas
Erguem-se, retorcidas,
Sem um tremor, enquanto o sol, do espaço,
As envolve entre as malhas incendidas
De uma rêde de aço.

Nas torridas estradas
As pedras abrazadas
Ardem . . . O solo é cheio de diamantes . . .
Envolvem-se as montanhas e os vallados
Em mantos flammejantes . .

É a gloria viva e immensa
Da luz radiosa e intensa
Do sol, que lembra um despota indiano,
Cheio de joias e de indiferença,
A rir-se, soberano . . .

Emquanto o firmamento
Em um deslumbramento
Sorri, a terra chora sem verduras .
E participam desse soffrimento
Milhões de creaturas.

As florestas enormes
Alteiam-se, desformes
E mudas . . . Não ha passaros nas mattas .
Nem mais se ouvem os canticos informes
De rios e cascatas.

Não estremecem fructos
Pelos ramos hirsutos
Onde tambem não desabrocham flores . . .
No leito dos ribeiros, hoje enxutos,
Faiscam resplendores . . .

Logarejos, que outr'ora
Eram lindos, agora
Estão despovoados . As choupanas
Caem . . . e partem pela estrada afóra
Sombrias caravanas.

Em meio de lamentos
Lá vão elles, sedentos,
Buscando fructos, procurando rios . . .
Lembram tristes phantasmas poeirentos
Esses vultos sombrios . . .

As mães, angustiosas,
Afagam as chorosas
Faces das innocentes creancinhas,
Vendo-as morrer como se fossem rosas,
Ou fossem andorinhas.

Felizes as creanças,
Em cujas longas tranças
Corre o pranto materno ardentemente,
Que morrem sem sentir desesperanças,
Inconscientemente !

Ha mães que, contemplando
Os filhos expirando
De inanição, lhes dá o seio exangue . .
E as creanças então o vão sugando,
Porém encontram sangue.

Pela vereda nua,
Durante a noite, a lua
Vê cadaveres, só, e a madrugada
Sobre elles, toda resplendor, estúia
Como mãe desvelada.

Na areia vêm-se ossos,
E nos escuros fóssos
Estendem-se fileiras de esqueletos,
Que são da secca os lugubres destroços,
Os tristes amuletos.

Quando nos move guerra
A cubiçosa terra,
Negando-nos seu viço, a caridade
Surge, como o arrebol que se descerra
Em meio a escuridade.

Deus, que ás aves serenas
Deu canticos e pennas,
É á terra o orvalho que do espaço rola,
Deu azas de esmeraldas—ás phalenas,
É ao coração—a esmo!a!

A esmola é como um riso,
Que vem do paraizo
É se transforma dentro em nós num canto .
É o raio de sol que arde indeciso
Pela noite do pranto.

Ai! a esmola é uma ave
De trinulo suave,
Cujas tremulas azas pequeninas
Espalliam pelo ar, que é triste e grave,
Um cheiro de boninas.

Uma simples moeda
Que bata, em sua quédia,
Na mão de um pobre — é mais do que um thesouro . . .
É um astro enfeitando uma alameda
Com lentejoulas de ouro.

Quem allivia as dores
Dos pobres soffredores
Com esmolas e amor a rebatel-as,
Sente no coração cheiros de flores
E lampejos de estrellas.

Se uma fructa madura
Não treme e se pendura
Duma pequena arvore no galho,
A alma dos homens reverdece pura,
Porque a esmola é um orvalho.

Dae esmola, que a imploram
Irmãos que se deploram
Sem terem na alma a luz das esperanças . . .
E então vereis os que de fome choram
Rir-se como creanças.

E não ser-vos-á pouca
A paga, porque, em louca
Festa vos bendirão, longe de abrolhos,
Os que não tem agora voz na bocca,
Nem lágrimas nos olhos !

Bahia — Outubro de 99.



INGLEZA

VIEIO de longe, da Inglaterra . . . e trouxe
No olhar as nevoas do seu patrio ninho ;
Era uma estatua, mas vivificou-se
Nesse radioso e palpitante arminho.

Ao vel-a, qual se alguma Deusa fosse,
Sinto no coração, ermo e sosinho,
Uma pressão mysteriosa e doce
Como um beijo de luz, como um carinho.

Seus cabellos — esplendido diadema —
Lançam faiscações e brilham tanto
Quanto uma loira e fulgurante gemma.

E, ao ver-lhe o porte nobre de Condessa.
Cuido que este anjo vaporoso e santo
Suspende o sol no plintho da cabeça!



CHORO E RISO

AO MENINO MANOEL LOPES TEIXEIRA

QUERO umas rimas sonoras,
Illuminadas, subteis,
Como os teus olhos, si choras,
Como os teus labios, si ris.

Tenho certeza que moras
Num encantado paiz,
Metade do dia — choras,
Na outra metade — ris.

Já me disseram que adoras
Esses thesouros gentis.
E eis a razão porque choras...
E eis a razão porque ris...

De quando em vez te alcandoras
Aos celestes alcantis.
Sorris... e eu penso que choras...
Choras... e eu penso que ris...

Se calado te demoras,
Meu peito ancioso te diz:
— Estrella, porque não choras?
— Creança, porque não ris?

Seraphim, tu revigoras
Os teus paes, a quem Deus quiz
Abençoar — porque choras.
Santificar — porque ris.

Teu choro lhes sabe a amoras
Teu sorriso a bogaris,
Só vêem o céu, quando choras,
E o sol nascer, quando ris.

Elles que não têm auroras
Dos corações infantis,
Choraram, como hoje choras,
Sorriram, como hoje ris.

Julgo ver aves canoras
Esvoaçarem gracis
Nos teus olhos, quando choras,
Nos teus labios, quando ris.

As flores murchas — coloras,
Arroubas as juritys,
Quando, creança, tu choras,
Creança, quando tu ris.

Conversas com Deus, namoras
Os Anjos e os colibris.
O mundo ri, quando choras
E canta, quando tu ris.

Só peço nestas sonoras
Rimas que sejas feliz,
Que chores como hoje choras
E rias como hoje ris.



ASTROS E FLORES

ASTROS e flores são joias
Que, a estremecer de surpresa,
No collo da natureza
Deus engastou a cantar.
Tiveram a mesma origem,
Porém depois se apartaram :
Os astros aos céus voaram,
E a flor não pode voar.

Quando raia a madrugada
E a luz dos astros declina,
A flor como que illumina
O campo—dominio seu.

Á noite a estrella perfuma
Do céu os vergeis doirados...
Flores — estrellas dos pradós!
Estrellas — flores do céu!

Da flor o brando perfume,
Transparente, leve e fino
É como um brilho divino
Que lhe dá graça e fulgor.
A luz da estrella é cheirosa
Como um seio de donzella;
Brilho — perfume da estrella!
Perfume — brilho da flor!

A flor sorri na campina
Como um perfumado sonho,
Estrella — aljofar risonho
Que de luzes se formou.
Para a veiga nua e secca
Deus mandou a flor mimosa
E na amplidão tenebrosa
As estrellas incrustou.

São almas gentis e puras,
Innocentes e suaves,
Como os gorgieiros das aves,
Das aves — suas irmãs!
Aos crentes a estrella aponta
Com a luz do seu alvo manto
O paiz risonho e santo
Das infundáveis manhãs.

Ao descrente a quem a vida
Tem sido um agro caminho,
Tão cruel como um espinho,
Tão amargo como fel,
A flor que surge ridente
Ablanda o peito magoado,
Como um favo abençoado
Cheio de aroma e de mel.

Mas eu que sinto no peito
A gargalhada ferina
Da descrença que extermina
A doce imagem da fé.

Não vejo na estrella santa
Para, minha dor — conforto,
E meu peito quasi morto
Odeia as flores até.

Pendeu-me a fronte cançada
Pelos revezes da sorte,
Andei em busca da morte,
Mais ella sempre a fugir !
Então surgiste ! E vivemos
Numa plaga tão querida !
— Teu riso — me deu a vida
— Teu amor — deu-me o porvir.

Teus olhos são os meus astros
Que brilham com a luz de amores,
Tuas faces — minhas flores
Perfumadas de paixão ;
Por isso digo-te, oh bella,
Do meu prazer és a palma,
Celeste flor de minha alma,
Astro do meu coração !.

Bahia, 18 de Janeiro de 1895.

BALLADA

I

NUMA choupana morria
De amor unia camponeza,
Que era a flôr de mais valia
E a santa da redondeza.

II

Sobre ella os camponezes
Contavam sempre, ao luar,
Historias, em que en ás vezes
Não podia acreditar

Garantiam que era filha
De um rei de longinquas terras
Que a desterrou numa ilha
E foi bater-se nas guerras.

Depois, passaram-se os annos
E o rei nunca mais voltou . .
E a noite dos desenganos
Á princeza acompanhou.

Soffreu muito . . . Numa tarde,
Certa galera formosa
Ancorou, fazendo alarde,
Na plaga mysteriosa.

Saltou na ilha um guerreiro
Altivo como um leão . . .
E ella amou o forasteiro,
E elle deu-lhe o coração.

E então a ilha encantada
Ficou de todo surpresa,
Vendo como era adorada
Essa adoravel princeza.

III

Um dia o guerreiro ardente
Partiu, levando-a . . . Depois
Numa plaga rescendente
Saltaram, rindo-se, os dois.

O guerreiro valoroso
Era um pastor ignorado
Que para um prelio horroroso
Partira como soldado.

Foi tão audaz nas batalhas,
Praticou prodigios taes,
Que se cobriu de medalhas
E de louros triumphaes.

A princeza mais o amava
Ao ouvir isto, e, em desejos,
Enquanto o pastor falava
Ella o cobria de beijos.

É que o pae lhe vînha á vista,
Em meio a taes narrações,
Como o genio da conquista
Á frente dos batalhões.

Um dia um presentimento
Mergulhou-a na tristeza
E depois desse momento
Ficou sem graça a princeza . . .

IV

Muito após teve sciencia
De que seu amante—ai!
De uma peleja na ardencia
Foi quem matara a seu pae.

O pastor fugiu, e longe,
Em um convento sombrio,
Tomou o habito de monge,
E após atirou-se a um rio.

Seu corpo boiou nas aguas
E no outro dia bateu
Na terra, onde, toda magoas,
A princeza o recolheu.

Nunca mais os passarinhos
A viram de manhã cedo
A sorrir pelos caminhos
Como o sol entre o arvoredos.

Ella morria assim como
O dia se a noite vem,
Tinlia a tristeza de um pomo,
Quando verdura não tem.

Ia murchando a inditosa
Ao peso desse martyrio,
Como se fosse uma rosa
Transfigurada num lyrio.

Soffria o povo da rude
Aldeia transes de dor,
Vendo morrer a virtude
Encarnada numa flôr.

Mas esta angustia crescia
Porque a formosa princeza
Morria de amor . . . morria . . .
Como qualquer camponeza.



Á UMA FLORENTINA

NA sua carne morna se condensa
A primavera em flor com a madrugada,
E das duas não sei qual a que vença
Tanto ella brilha quanto é perfumada.

É uma flor de volupia e de descrença
Que abre a liuda corolla cnvenenada,
Trouxe no olhar a lua de Florença
E o Vesuvio na carne sublevada.

É uma ave cujo canto cheira a flores . .
É deusa e me abandona . . . É a Traviata
Que em lugar de morrer mata de amores !

P'ra tanto amor meo coração é pouco . .
Oh ! maldita a loucura que me mata
E bendita a mulher que me faz louco !

Sob o Sol dos Tropicos, Manaus, 1902.



ADEUS

ADEUS, eu vou partir . . . Esta saudade
Que de ti levo e me enche o pensamento
Falar-me-á da tua mocidade
E deste amor, momento por momento . .

Tenho no coração tanta anciedade,
Tanta alegria e tanto sofrimento,
Que sinto em mim uma outra immensidade
Cheia de sol, de trevas e de vento . . .

Não sei porque te vejo em toda a parte,
O que eu sei é que tu me enches a vida,
Que é pequena de mais para offertar-te .

E assim tacheio entre o arrebol e a treva,
Sem saber, nos encantos desta lida,
Se eu levo o amor, ou se elle é que me leva.



SUPPLICIO ETERNO

Não devo amal-a . . . e amo-a com loucura !
Quero esquecel-a . . . e trago-a na lembrança !
Ai ! quem me livra deste mal sem cura
A que o destino tragico me lança ?

Uma nuvem de tedio e de amargura
Cobre-me a loira estrella da esperança . . .
Tudo cança por fim na vida escura,
Só este amor infindo é que não cança . . .

Se os olhos cerro, vejo-a nos meus sonhos
Se á noite accordo, sinto que enlouqueço
De uma angustia nos vortices medonhos .

E esta morte em que vivo jamais finda,
Pois, quanto mais procuro ver se a esqueço
Sinto que a adoro muito mais ainda!



QUADRAS PARA VIOLA

MEU amôr é nma viola,
É meu triste coração
Uma infeliz eastanhola,
Que tu estalas na mão . . .

Se tens olhos, anjo extranho,
Fitam o rio a correr,
São dois sôes tomando banho,
Astros nas aguas a arder.

Por causa do marinheiro
Foi que Deus creou os sóes
E se tornou pharoleiro
Enchendo o céu de pharóes.

O cego, em sua desgraça,
Talvez exulte porque
Não vê a dor de quem passa
E as suas dores não vê.

Ha sempre magoas e treva
Onde ha innocencia e paz . . .
E junto de cada Eva
A sombra de um Satanaz.

A lua, que ha nestas zonas,
Me lembra uns olhos que sei ;
É porque sobre o Amazonas
Outro Amazonas chorei.

Ao bico de uma andorinha
Que foi no rumo do sul,
Mandei-te hoje uma cartinha
Com laços de fita azul.

A minha dôr é sem pausa,
Foi e scrá sempre assim
E desde que não tem causa
Tambem não póde ter fim.

Eu sou um padre tristonho
Que benze, cheio de dôr,
O esquife de cada sonho
Na tumba de cada amôr.

Quem vive sem um carinho
Carrega pesada cruz.
É como uma ave sem ninho,
Um oratorio sem luz.

Meu coração é um inferno,
O teu um céu de oiro e anil . . .
Porque vens a mim, o inverno,
Encher de flôres, Abril ?

Já resaste a Santo Antonio,
E elle, maldoso, te deu
Para marido um demonio . . .
E este demonio sou eu !

As flôres vivem rogando
A ti, que tão linda és,
Que, quando no prado andando,
As calques sob òs teus pés.

Não rias do meu desmaio,
Pois sei vingar-me tambem.
É uma faisca — o raio . . .
E quem o affronta? — Ninguem !

O amôr é uma creancinha
Que usa côroa e bordão,
Uma innocente rainha
Que vive esmolando pão.

Os homens lembram navios
Que, em desiguaes direcções,
Batem por fim nos baixios,
Sem leme, nem pavilhões.

Como o rio que serpeia
Entre urzes e bambuaes,
A alma do poeta se enleia
Entre alegrias e ais.

Vou quebrar esta viola,
Porque do meu coração
Cac-me a pobre castanhola
Toda em pedaços, no chão.

Manãos, 1902.



NA ALCOVA

VENTOS, passai de leve !

Estrellas e luar, quebrai a luz medrosa
Na vidraça da alcova onde ella agora deve
Sorrir ao adejar de uns sonhos côr de rosa
Que a fazem suspirar entre os lençóes de neve.

A alcova cheira tanto

Que chega a perfumar inteiramente a rua . . .
É quanto aroma, Deus! Dir-se-á que, por encanto,
Ao penetrar a paz deste recinto santo,
Se transforma em olor todo o clarão da lua.

O vicio não profana

Esse leito que tem a frescura de um ninho,
Onde ella dorme, como o rio na savana . . .
Agasalhando o corpo entre os lençóes de linho
Que tremem ao calor desta alvorada humana.

Por sobre o travesseiro

Se afundam a sorrir suas faces morenas . . .
Ella contém na carne o olor de um prado inteiro :
Sua bocca é um rosal, seu collo um jasmineiro
E nos olhos ideaes tem duas açucenas.

E ella dorme . . . E a seu lado

Velam anjos fieis . . . Um é a sua innocencia . . .
Traja um manto de arminho a luz e ouro bordado . . .
Com o dedo á bocca, pede amôr, paz e clemencia,
E não ha um rumôr por sob o cortinado.

Outro é o amor . . . Deslumbrante,

Abre as azas e adeja, atirando-lhe rosas .
Ella, sonhando, ri . . . E o anjo, no mesmo instante,
Segreda-lhe uma historia e beija-a, delirante,
Entornando-lhe n'alma as crenças mais formosas.

.

E ella, extasiada, sonha :

Desce um heróe de além que, beijando-lhe a face,
A faz estremecer de amor e de vergonha . . .
É, como um lindo sol que em nuvens se occultasse,
Esconde o rosto ideal entre as rendas da fronha.

Sua carne palpita . . .

Sente humida a bocca e os olhos deslumbrados.
Êntesam-se-lhe, inchando, os seios, onde grita
A maldita volupia, a volupia bendita,
Que açula contra ella os tigres dos peccados.

É o anjo meigo e querido

Da innocencia, fitando-a entre delirios presa,
Entristece-se e, então, magoado e compungido,
Colhe as azas de neve, ajoelha-se e resa . . .
É curva-se depois, falando-lhe ao ouvido.

Ah ! mas a minha musa,

Que é um anjo tambem, com azas cõr de opala,
Canta, pé ante pé, entra com a luz diffusa
Na alcova . . Foge então a innocencia confusa,
É foge o proprio amor, saudoso de deixal-a,

E ella, espantada, acorda . . .
Voam do corpo seu canções e borboletas . . .
E, enquanto esse esplendor de seu leito transborda,
Desfolhando no ar versos e violetas,
Tange a musa da lyra a mais plangente corda,

E ella escuta, arroubada . . .
E o leito, e o cortinado, e os linhos peregrinos,
Ardem, tremem á luz triumphal dessa alvorada,
Que pará ao mundo vir tomou um ar de fada
Cuja vida radiosa é toda feita de hymnos.

Ella está semi-nua !
Vae a janella abrir ! Quanta alegria em roda !
Mas não vos espanteis vós que passaes . . . A sua
Carne, cheia de olor, desabrochando toda,
Desmancha-se no olor que vae encher a rua !

Bahia—Março 1903.



AMARGURAS SEM FIM

QUE tristeza me invade
O coração tão cheio de saudade!
Porque foi que fugiste,
Deixando-me tão só neste deserto,
Que sem teu resplendor ficou tão triste.
È era, quando eu te via, um céu aberto?

Imagina a amargura
Que me opprime e tortura
Como o avaro que ajuntando ouro,
Dorme rico e feliz, e, quando acorda,
Não encontra o thesouro,
Cujo brilho, entre lagrimas, recorda,

Ai, como eu te queria!
Não era amor, era uma idolatria,
Uma loucura, um phrenesi ardente . . .
 Às vezes eu pensava
Ver-te como uma deusa omnipotente,
Da qual minh'alma se sentia escrava . . .

Tuas pomas arfantes e cheirosas
 Eram feitas de rosas,
Rosas cheias de aroma e sem espinhos . . .
 E meus versos febris e tentadores
Voavam cantando como passarinhos,
 Em torno destas flores . . .

Teus cabellos escuros,
Tua voz de crystal, teus olhos puros,
O olor que de teu corpo se derrama,
Tudo me vem lembrar' este passado,
 E a minh'alma te chama,
Como á patria querida — o desterrado . . .

Oh, vem a estes meus braços ! Tem clemencia
Deste amor, que a existencia
Me encheu de madrugadas e de sombras !
Vem, e o resto da vida
Nos será mais tranquillo que as alfombras !

Manãos, 1902.



DIANTE DE UM OLHAR

(NUM LEQUE)

TEU vago olhar, tão cheio de mysterio,
Numa inclemente duvida me lança
Lembra as vezes o luar no cemiterio
E outras vezes o arco da alliança.

Um genio mau e um seraphim ethereo
O enchem de desespero e de esperança . . .
É um céu, ora estrellado, ora funereo,
Um rio—ora em revolta, ora em bonança.

Bahia, 1903.

RIMAS DE ALLIVIO

PARTI, levando no peito
Funda tristeza, querida . .
Embora elle fosse estreito
Para tão grande ferida.

A tua formosa imagem
Pairava em frente a meus olhos,
Qual uma grata miragem
Sorrindo por sobre escolhos . . .

O aroma de tua alcova
De sonhos de ouro me enchia,
Pois era uma essencia nova
Que em parte alguma inda havia .

Olor peregrino, intenso,
Que sempre de ti se evola,
Como das aras — o incenso,
E o perfume — da corolla.

Segui afflicto e calado,
Como um pobre forasteiro,
Pensando ter-te a meu lado,
Beijando-te o corpo inteiro . .

Porque teu rosto risonho
Me encheu de tanto desvélo,
Se eu ia ver este sonho
Mudado num pesadello? . . .

Porque não fugi, ao ver-te,
Ou tu de mim não fugiste?
E, como eu, ficaste inerte,
E, como tu, fiquei triste?

Ai! O amor que me devora,
E me embevece e tortura,
Às vezes é como a aurora,
E às vezes é noite escura .

Não vejo nada no mundo
Como este amor que te hei posto . . .
Só se é o martyrio profundo
Do meu profundo desgosto.

Já que os rigores da sorte
Nos perseguiram tão cedo,
Nosso amor, que era tão forte,
Nos enche agora de medo . . .

Tu nunca podes ser minha,
Ser teu tambem jamais posso .
Mas o amor que em nós se aninha
É o grande consolo nosso.

Beijeí minhas mãos, creança,
Com deliciosos enleios,
Porque te alisei a trança,
Porque te amimei os seios . . .

Deixa, pois, que neste instante
Te sonhe no meu deserto,
Que assim, embora distante,
Eu pensarei que estás perto.

E que a desgraça não venha . .
Se sempre vivo penando,
Que ao menos o allivio tenha
De ser ditoso sonhando.

Manáus, 1901.



RESIGNAÇÃO E DESCRENÇA

Como é que vim bater a esta palhoça rude,
E os sonhos te acordei, as chamas aumentando
Do raivoso vulcão da tua juventude
Que em teu corpo indomado abre a cratera, arfando? . . .

Que destino fatal me conduzira um dia
Ao reponso que outr'ora enchera esta cabana . . .
Para tornar-te assim frenética e bravia,
Como a onça que passa a rugir na savana? . . .

Ai! Porque vens assim, tremente e seqüiosa,
Recostar ao meu hombro o teu rosto bronzeado,
Como numa aguia real pousando, victoriosa,
Na atroz desolação de um cypreste esfolhado?

Meu corpo é uma ruina imensa e carcomida,
Minh'alma um paredão com linhos e sem hera...
Como é que atiras, pois, no inverno de uma vida
O manto auroreal da tua primavera?

Além desta deserença ilimitada e funda
Que a minha alma transmuda em pavoroso escombro,
A doença me fez anêmico e corcunda,
Entortou-me a cabeça, e derreiu-me um hombro...

Tu, porém, tens no sangue impetuoso e ardente
As ancias triumphaes da natureza brava,
E a tua mocidade arfante e omnipotente
Só de um heróe brutal pode tornar-se escrava.

Tu vives no repouso, e eu venho do bolicio
Que ha nos centros crueis e negros da existencia,
Onde o enxame infernal das abelhas do vicio
Zumbe em torno aos rosaes mais frescos da innocencia,

Tu mostras sem corar a estas humildes gentes
A ideal carnação destes teus seios duros...
Ah! mas a cobra attrahe as aves innocentes
Só com seus olhos vis, que são dois céus escuros!...

Eu trago pela vida uma sandade immensa,
Que é boa e má, eleva e abate, como um vinho.
Muita desceperança, um pouco de doença,
Grande resignação, e a cruz de um pergaminho.

Mas tu, no ceu azul da crença e da ignorancia,
Pensas que eu sou talvez feito de outra materia . . .
Tu é que és feita só de risos e fragrancia,
Mas eu, pobre mulher . . . eu sou uma miseria!

A ventura que tu supões que sinto, filha,
Na tua face pobre rustica se mostra,
Que a perola tambem mais resplandece e brilha
Na modesta prisão de duas cascas de ostra.

Eu não vejo no mundo um ente mais ditoso
Que a ave . . . Passa a cantar a vida pela selva . . .
No entanto a sua casa é um ninho carunchoso
Feito com algodão, folhas seccas e relva.

Olha: a felicidade é um anjo vagabundo,
Que, nem mesmo no amor, palpita e se agasalha . . .
E, se vive por sobre a vastidão do mundo,
É nos ninhos em flor e nas casas de palha.

Porque a ave e o camponez, tão cheios de candura,
Não sabem distinguir o alegre do que é triste . . .
E só pode sentir o encanto da ventura
O que, innocente e bom, não sabe se ella existe.

Tu, inda hontem feliz, has de chorar agora,
Pois, vendo que ella existe, ousaste interrogal-a . . .
E ai ! a felicidade então se foi embora,
E jamias . . . e jamais no mundo has de encontral-a !

Bahia, 1899.



MOCIDADE INFELIZ

.I

Como o lyrio que nasce na montanha
Ella é formosa e candida . . . Parece
Que gorgéia um canario da Allemanhia
Quando em risos a bocca lhe floresce.

Dir-se-á que um anjo os passos lhe acompanha
Cantando os psalmos de não sei que prece,
E, como as santas, uma luz extranha
No semblante doirado lhe alvorece . . .

Sua vida é um poema côr de rosa,
A historia perfumada e mentirosa
De um casto amor que a faz chorar e rir . .

Dorme com as mãos cruzadas sobre os seios,
Talvez guardando o amor de que estão cheios
E que mais tarde ella verá fugir !

II

Venturosa creança desgraçada,
Dorme e sonha, que o amor que tu procuras
É como incenso de amphora sagrada,
Que se desfaz ao longe nas alturas . . .

Sómente em sonhos podes ver a estrada
De um casto amor, abrindo-se em doçuras . .
Desperta, has de encontral-a semeada
De espinhos infernaes e pedras duras.

Que nunca te acordassem deste somno,
Durante o qual a modo que num throno
Crusas no peito as mãos angelicaes . .

Quão ditosa serias se, dormindo,
Voasses ao ceu, extatica e sorrindo,
Como quem sonha . . e não desperta mais !



A BORBOLETA

Sobre a gramma pousando, descuidada,
Lembrava a borboleta a quem a visse
O laço irial da veste de uma fada
Que, sem ella o sentir, no chão calissee.

Nas suas azas rutilas e puras
Alguem pintou com sombras e clarões
Duas miniaturas
Da cauda dos pavões.

Apezar de modesta e pequenina,
Dir-se-ia um pagem louro,
Trajando a melhor seda que ha na China
Malhada sob véus e reudas de ouro.

Parecia dormir a borboleta
Numa suave e doce embriaguez,
 Não seria talvez ella a pallieta
 De um pintor japonéz ?

 Mas, repentinamente,
Leve, as azas moveu e, nesta hora,
Dir-se-ia que este insecto aurifulgente
 Era o esboço da aurora,

Por isso um negro e misero mosquito
 Encandeado ficou
E poz-se a murmurar: Seja maldito
 O sol que me cegou !

Ouvindo-o, de entre as folhas um lagarto
Appareceu olhando a flôr de chamma ;
E um sapo, inchando o ventre sujo e farto
 Remecheu-se na lama.

A borboleta, envolta num lampejo,
Fechava e abria as azas, par a par . . .
E o sapo disse, atonito: E' o bosquejo
 De um incendio no mar.

O lagarto moveu-se vagaroso
E, estirado, de rastros,
Viu no dorso do insecto fulguroso
Dois lindos sóes e uma poeira de astros.

E murmurou : — oh sapo,
De algum anjo rasgou-se o claro véo,
De que vemos o fulgido farrapo
Cahido do alto céo.

Torna o sapo : — Fugamos ! e, anceiando,
Ambos se escondem logo
Num buraco e dahi ficam espiando
O anjo que traja tunicas de fogo

Empinam a cabeça
E olham : — Abelhas de ouro e de coral
Zumbem, dançando a valsa mais travessa . . .
Parece um carnaval !

Dando com a borboleta que descança
Perguntam : de onde veio
Esta orgulhosa dama que não dança
E mostra um dardo a ensanguentar-lhe o seio ?

A roseira responde-lhes : — Impera
Num divino paiz
Esta deusa de quem a primavera
Fez sua embaixatriz.

As abelhas, fugindo,
Escondem-se nas rosas,
E a borboleta . . . move-se, bolindo
No pallio azul das azas luminosas . . .

E, fulgurando, vôa
Em torno a um lirio que florindo está,
Pousa-lhe em cima — e dá-lhe uma corôa ;
Ao lado — e dá-lhe um manto de radjah.

Parte depois, e, a modo de um amante,
Faz a corte a uma rosa a quem dá tudo,
As azas levantando a cada instante
Como um fulgente leque de velludo.

Desce e dorme . . . e o lagarto, o sapo, o lirio,
A abelha e a rosa com receio vão,

Dizem : — « Isto é um delirio . . .
O sol é velho para ser-lhe irmão. »

E enquanto elles escondem-se, de chofre,
Uma triste e miserrima formiga
Diz: — Quem será o dono deste cofre? —
E quer furtal-o, antes que se lh'o diga...

Microscopica, erguendo-se do lixo,
Nenhum ruido faz
Para ninguem saber... Como este bicho
E' petulante e audaz!

Pensa: — Caliu, decerto, á luz do occaso,
Da ilimitada, azulea claraboia,
O precioso vaso,
A inestimavel joia!

Segue... Já está perto... Já se mette
Na ponta da aza cheia de ouro em pó
E diz: — «Foi este o rutilo tapete
Da escada de Jacob.»

Como um livro de luz, tonta de somno,
A borboleta accorda, abrindo as azas...
E a formiguinha trepa-se num throno
Todo feito de brazas.

A borboleta vôa, alviçareira,
Como o carro de um lindo imperador . . .
Mas dentro a miseravel passageira
Tirita de pavor.

Vôa, e a formiga—chega a fazer pena!
A' molle antenna agarra-se de um salto,
Palpita um arco-iris nessa antenna,
Onde ella grita, vendo-se tão alto . . .

Não se aguentando na corrida forte,
Desamparada, cáí . . .
Ninguem lhe vê a morte,
Nem lhe ouve o ultimo ai.

Vai longe o algoz que a victima não vira . . .
E a abelha, o sapo, o lirio, a rosa bella
E o lagarto — parece até mentira! —
Jamais se lembram della!

Só pensam na phalena radiosa
De brilhos ideaes,
Que os trahiu, e vôou, falsa e impiedosa,
Para não voltar mais!

COMPENSAÇÃO

I

ELLA partiu, levando-me a esperança,
A fé e o amor . . . Que triste despedida !
Tudo levou ! . . . E apenas a prova
Não a segui na hora da partida.

Tenho-lhe ainda a imagem na lembrança,
A voz, o riso, a boeca appeteeida .
Tudo cança na vida . . . Só não cança
Este amor que é mais forte do que a vida !

Ouçõ em torno de mim a sua fala,
É como até que a vejo nesta sala,
Que se illumina ao brilho de seu rosto .

Ah ! minha flor eternamente pura,
Que o céo te pague em sonhos e ventura
O que me deste em trevas e desgosto !

II

Ha creaturas felizes que o destino
Cumula de vantagens e favores ;
É com outras, porém, triste e ferino,
Só lhes dá soffrimento e dissabores.

No campo ha flores de um aroma fino,
E outras ha sem perfume . . Como as flores
Existem aves cujo canto é um hymno,
E outras que piam soluçando dores.

Dos defuntos os vicios e as virtudes
Deixam-nos, espectraes, nos athaúdes,
E enchem de mel ou fel as nossas taças.

E assim, oh gloria e inveja das princezas,
Em ti fulguram todas as bellezas,
Em mim se encarnam todas as desgraças . . .

III

Vejo-a por tudo e sempre . . No telhado
A espiar-me, entrando com os clarões do dia,
Ou furando a vidraça lado a lado,
Sempre junta com o sol que além radia .

Por isto en libo o calice dourado
Onde treme o licor da phantasia,
Até calir no chão embriagado,
Ê vel-a em sonhos, como sempre a via . . .

Na solidão atroz deste abandono
Como um sonho consola! Que não venha
Algum ditoso perturbar meu somno .

Não me desfaçam este sonho lindo . . .
Si quer Deus que eu dormindo os gosos tenha,
Passem de longe e deixem me dormindo !

Manãos, 1902.



DOCE TORTURA

Deu-se-me assim, para ronbar-me a calma
Pois, tendo-a dia e noite na minh'alma,
Nao posso tel-a sempre nos meus braços !

MUCIO TEIXEIRA — *Prismas e Vibrações*

I

ESTA que tem o captoso cheiro
Das flores e dos fructos sazoados
É um jardim luxuriante e feiticeiro
Que desabrocha em sonhos e peccados.

Meu Deus, porque foi ella a que primeiro
Escravizou mens beijos inflamados ?
É fez do meu amor um prisioneiro,
Acorrentando-o em carceres doirados ?

Porque dos meus olhares atrevidos
Fez um rasto de luz para seus passos
É ramos de ouro para seus vestidos ?

Ai! Quem me quebra deste amor os laços?
Pois, se a conservo sempre nos sentidos,
Bem poucas vezes tenho-a nos meus braços.

II

Ella pensou em mim, e não podia
Deixar de ser assim . . . Diz-m'ó este vento,
Que entrou de chofre pela gelosia
E me persegue rabido e ciumento.

Mas qual seria então o pensamento
Que lhe veio á cabeça? Qual seria?
De certo não pensou no meu tormento,
E, se o pensasse, como pensaria?

Seu coração pulsou com anciedade,
Porém este pulsar que o traz captivo
Seria de roncor ou de saudade? . .

Não sei . . Só sei da dôr que se me atolha
Ante a paixão que no meu peito altivo
Em sonetos e lagrimas abrolha!

III

Olha: quando eu morrer, e a sepultura
Para engolir-me escancarar as guelas,
Quero a mortallia mais formosa e pura,
A mais formosa e pura das capellas.

Amortalhado em beijos de ternura,
Com as grinaldas do amor que me revelas,
Hei de ter um caixão de doce alvura,
Que o choro teu enfeitará de estrellas. . .

Quando entrar o cortejo pesaroso
No cemiterio branco, e en for lauçado
A um sepulchro entre os outros perfumoso,

Deixa-me entre os jasmíns tranquillamente,
Pois terei a illusão de ter-te ao lado,
E só assim ter-te-ei eternamente.

Manáos, 1902.



DESOLAÇÃO

I

DEIXA-ME só . . . Que a dôr me sirva neste mundo
De companheira, e encha o vacuo de meu peito,
Que, para agasalhar-a é grande, alto e profundo,
Enquanto o proprio céu lhe é pequenino e estreito.

Deixa-me, pois . . . Irei, triste poeta errabundo,
A cantar e a gemer, sem pão, sem fé, sem leito.
É um oceano de pranto a agua de que me inundo,
É feita de tojaes a cama em que me deito.

Passa de longe a rir, e deixa-me deitado,
No chão, morto de fome, exigue, esfarrapado,
Mas a sonhar, que o sonho é o ouro do mendigo . . .

Não mates a illusão celeste que me engana,
E me colloca além da podridão humana,
E me transforma em Deus, porque sonho contigo.

II

Ai quem me embebedou?... Que anjo lindo e sereno
Ergueu-me á bocca a taça em que lia esta bebida,
Que me enche o coração de gosos e venenos,
E fere-o, e após lhe banha em nardos a ferida?

Quem seria? Quem foi? Porque eu exultante e peno
Entre cantos e ais a delirar, querida?
Foste tu com teu riso e teu rosto moreno,
Que me mostraste céos e infernos pela vida.

Foi o aroma que sae de tuas mãos formosas,
Foi teu mystico olhar que é um outro firmamento,
Cuja luz canta, afaga e cheira como as rosas. . .

Ai feiticeira! Eu bebo o vinho que me lanças,
Antes que se despenque aos impetos do vento
O rosal deste amor, tão cheio de esperanças.

III

Vae-te, pois, oh visão ideal do meu desterro. . .
Vae. . . Porque em teu logar me fica o desengano. . .
São fundas e sem fim as trevas em que eu erro,
Como um barco sem leme entre os parceis do oceano.

Num funebre caixão feito de bronze e ferro,
Vae um morto. . . Não tem para cobril-o um panno
É meu amor. . . Ninguém assiste ao seu enterro. .
Ninguém chora. . . E quem chora a morte de um tyranno?

Ai! mas uma outra dôr dentro de mim se agita. .
O amor que eu sepultei renasce na saudade,
É esta saudade atróz mens prantos resuscita. . .

É amo-te ainda mais do que te amava outr'ora. .
Porque este meu amor é como a immensidade,
Onde ha o horror da noite e os eneantos da aurora.

Bahia, 1903.



OTHELO

(NOITE DE FEBRE)

ENTREI, e vi um vulto horrífico e felpudo
De guarda no portão. .
Era negro. . . Pensei ver um escravo mudo
Vestido de veludo
Naquelle enorme cão.

Ao ver-me, levantou-se, e a cauda sacudindo
Cimento no ar,
Entrou pelo salão feérico, rugindo. . .
Quando surgiste rindo
Com musicas no andar.

A sala fulgurosa, ardente e purpurina,
Cheia da luz do gaz,
Lembrava o inferno atróz onde o pavor domina
Tu eras Proserpina
E eu era Satanaz.

Quiz, tremendo de amor, ciume e desespero
Possuir-te por fim . .
Mas ouvi um rosnar enraivecido e fero . . .
E o cão, como Cerbero,
Olhava para mim . .

Tremi, e recuei naquelle mesmo instante . .
Vendo, cheio de dor,
O cão lamber-te os pés, como um perdido amante
E rosnar, anhelante,
Babando-se de amor . .

Tu cerravas de manso os olhos e o acolhias
Emquanto elle, a gemer,
Roçava a cauda negra em carnes tão macias
Que se tornavam frias,
A suar e a tremer,

De raiva estremecei como um leão ao vel-o
Num fogo sensual,
Erguer-te a saia e após, ardente como Othelo,
Revolver teu cabelo
Com o foehno infernal.

Tinhas febre, e teu eão ditoso delirava
Cheirando-te a nudez .
Pois teu vestido branco ao chão já se arrastava . .
Tú eras sua escrava
E elle teu rei talvez.

Calhiste a soluçar, e o eão libidinoso,
Como um satyro vil,
Morden-te, e saboreou-te o amor quente e glorioso,
Espojando-se aueioso
Em teu corpo gentil.

Ao ver-me, arreganhou os dentes com louenra
Rosnando feio e atróz .
Tem receio do amor ardente que tortura,
Oh Desdemona pura
Ten Othelo feróz . . .

Pois, quando elle se erguen, na sala um medo interno
Senti nesta alma vã .
E vi-te Proserpina e ao teu Cerbero terno
Expulsando do inferno
A mim, que sou Satan:

Manáus, 5 de Abril de 1902.



O LADRÃO

SEI de um ladrão⁶ genial e desgraçado,
Cujá vida foi nma ventania
Rugindo sobre um mar encapellado . . .

Foi a seculos isto, — quando havia
Em toda parte rispídos athletas
E prodigios de arte e valentia . . .

Quando as rainhas tremulas e inquietas
Recebiam nos leitos perfumados
Os escravos, os pagens e os poetas . . .

E os reis, cheios de tédio e embriagados,
Davam os corpos nús das concubinas
De presente aos ieões esfomeados. .

Numa terra de fontes crystallinas,
Nesse tempo de bardos e de lendas,
Elle viveu tendo a peor das sinas.

Do olhar lançava coleras tremendas,
Porque su'alma era uma tempestade
E seus dias as noites mais horrendas. . .

Mixto de força, crime e heroicidadê,
Elle era como as nuvens abrazadas
Que ás vezes correm pela immensidade.

Assaltava os viajantes nas estradas,
Quer no horisonte apparecesse a aurora,
Quer roncassem tufões e trovoadas.

Trajava um manto negro, e, a toda hora,
Tendo á cinta um punhal ou um cutello,
Vágava só pela floresta afóra,

Onde, como um titão glorioso e bello,
Se queixava da sua desventura,
Arrancando punhados de cabelo .

Tambem seu peito abria-se em ternura
Como se abre o luar limpo e clemente
Por entre as sombras de uma noite escura.

Chorava, mas altiva e heroicamente,
Da mesma forma que o profundo oceano
Chora de encontro ao areal candente . . .

Até lembrava um cedro soberano
Desgalhando-se todo ao furioso
E feroz furacão do desengano.

Fôra um príncipe audaz e poderoso,
Que vencido fugiu pela floresta,
Onde se fez bandido perigoso . . .

É então, com a violencia de uma béstia
Lançada por um dens, o seu destino
Fel-o andar numa vida deshonesta

De ladrão, de guerreiro e de assassino,
Que, depois de matar o viajante,
Lhe roubava o que tinha de mais fino :

Desde o cavallo ardego e espumante
Aos sapatos doirados, e ás radiosas
Joiás, e á espada tremula e espelhante.

Carregado de coisas preciosas;
Ia guardal-as numa furna immensa,
Onde havia riquezas fabulosas.

Mas olhava com grande indifferença
Esta enorme fortuna amontoada
Que não valia a sua antiga crença.

E, levantando a fronte illuminada,
Erguia a mão nervosa, procurando
O pescoço cortar com a propria espada.

Olhava o céu como um algoz nefando . . .
E uma vez taes apostrophes sinceras
Do oppresso coração foi arrancando :

— Oli Deuses immortaes de outras espheras,
Porque não me apagastes a lembrança
Do bem, se eu tinha de viver com as féras? . .

Se a illusão, que hoje em lagrimas descança,
Tinha de fenecer, antes na vida
Jamais me apparecesse esta esperança . . .

Eu tinha uma corôa defendida
Por legiões de vassalos — e que é de ella?
Quem m'a arrancon da fronte decalida?

Guardava-a com fervor, porque era a estrella
Que iria refulgir no firmamento
De uma cabeça tentadora e bella . .

Cabeça de mulher, que é meu tormento,
Quando foi hontem meu prazer mais puro . . .
Funesto amor, que en descrever não tento . . .

Antes en fosse o verme do monturo,
Antes jamais en visse o céu doirado
Se mais tarde o veria tão escuro.

Hoje vivo a cumprir meu triste fado . . .
Sou ladrão e assassino porque quero
Ganhar roubando o bem que me hão roubado.

Ah! mas o meu destino é tão severo
Que toda esta riqueza é diminuta
Para abrandar meu grande desespero.

Que sorte ingrata, impiedosa e bruta!
Deuses, porque não morro, se não posso
Resistir á inclemencia desta lucta?

O thesouro que tenho é todo vosso . . .
Ouro, sedas, rubins, prasios, diamantes,
Dou-vos, por ver se meu pezar adoço . . .

Estas lindas riquezas fascinantes
Que para ter a crença, o amor e a gloria
Arranquei dos caçados viajantes,

São uma graça ironica e illusoria, —
Pois não me podem dar o bem perdido
De que hoje tenho apenas a memoria.

Já que não attendeis o meu pedido,
Fazei-me como a pedra dos caminhos,
Furai-me os olhos e tapai-me o ouvido.

Se não tenho esperanças e earinhos,
Tambem não tenha vida que este mundo
Por uma rosa dá milhões de espinhos .

Que este ferro . . . (dizendo-o, furibundo,
Alevantou a espada contra o peito,
Como querendo penetrar-lhe o fundo) .

Que este ferro cruel com que hei desfeito
Tanta vida, tingindo-o de escarlata,
Me entre no coração firme e direito!

Que eu, nunca esmorecido no combate,
Matando-me, emfim ache o que buscava . . .
Quem a tantos matou por fim se mate !

Ah! quando os viajantes assaltava
Mal sabia que só a morte amiga
Me daria o que o roubo me não dava . .

— E, com a força da energia antiga,
Crava a espada no peito e cae risonho,
Como um heroe, exhausto de fadiga,
Que dorme, e tem o seu primeiro sonho.

Bahia, 1903.



PHANTASIA TURCA

HONTEM, a noite baixando,
Dei um passeio a Turquia . .
Ia andando? Ia voando?
Nem sei mais como é que eu ia.

Só sei que sonhava, quando
Me achei — e isso me arrepiava!
Quieto e ajoelhado, resando
Numa mesquita sombria.

De fóra o sól penetrando
Doirava a vidraçaria,
E, todo o templo enfeitando,
Os seus cristaes accendia . . .

Em cima de um plintha um bando
De imagens resplandecia,
E meigo, de rosto brando,
Entre ellas Mahomet sorria.

A sua barba espumando
Era uma onda alvadia
Que, a sua face prateando,
De arminhos a revestia.

Tinha a tunica ondulando,
E um sceptro na dextra fria
A cujo celeste mando
O mundo inteiro tremia.

E vi um velho prégando
Ao manso povo que ia
Contrico, balbuciando
Resas que eu não entendia.

Mas entre os crentes resando
Vi uma turca. . . Dir-se-ia
Ser uma deusa sonhando
Ou ser a Virgem Maria. . .

Fui-lhe a graça advinhando
Debaixo da nevoa fria
Do véo triste e venerando
Que a sua face escondia.

Ao vel-a, de fé anciando,
O proprio Mahomet tremia
Da parede onde, radiando,
Por entre nuvens se erguia.

Ante ella fui-me ajoelhando,
E todo me estremecia . . .
Mas, o seu vulto fitando,
Quem é que não tremeria ?

E eu, a resa simulando,
Perguntas mil lhe fazia,
Quando ella disse, corando,
Que não me pertenceria.

Enquanto ella ia fallando,
En a olhava e não a ouvia,
Pois lhe ia o olhar escutando . . .
O olhar que tudo dizia.

Depois fugimos, voando
Em dois cavallos . . . O dia,
Que estava bruxoleando,
Para nós amanhecia.

A bella foi-me enrolando
Num manto que me envolvia,
De sob o qual, faiscando,
A cimitarra pendia.

Deu-me um gorro em que, bailando,
A meia lua fulgia,
E onde, às aragens arfando,
Branca pluma estrenecia.

(. . . E nossos corceis cortando
Desertos . . . E a phantasia
Ao céu nos arrebatando
Num carro de pedraria . . .)

Cantando, rindo e chorando,
Cheio de amor nos seguia
Como escravo miserando
O vento que então corria.

Ella disse-me offegando
Que a amava com idolatria
Abdul-Amir, rei nefando . . .
E quem nos ampararia ?

Fugimos, pois, escutando
Uma brutal gritaria :
Vozes, cornetas bradando,
Tropel de cavallaria.

Mas paramos defrontando
Uma tropa luzidia,
Em frente a qual, trovejando,
O rei nos apparecia.

Pobres de nós ! enfrentando
O cimme do rei, que ardia
Como um vulcão estoirando
Aos uivos da ventania.

Ante o combate execrando
Que em breve se travaria,
Allah ! ella ia clamando . .
Jesus ! eu clamando ia . . .

Minha dama palpitando
De susto, e eu de valentia . . .
E em frente a nós, espumando,
O rei urrava e rugia.

Da cimitarra puxando,
Avancei com galhardia
Mas elles foram cortando
A inhabil mão que a tangia.

Grito! e desperto gritando
Á dor que o golpe trazia;
E então, talvez delirando,
Restos do sonho inda eu via:

A tropa ia desfilando
Longe, e pela gelosia
Em brumas se desmanchando
O rei com a dama fugia.



MISERICORDIA!

Ai! meu amor, se é tanta
A paixão que por ti minh'alma encanta,
Porque é que repelliste meu carinho,
Depois de eu ter-te aos braços extasiado,
Como o condor que, aos céos arrebatado,
Soffre ao ver-se tão alto e tão sósinho! . . .

E cutão encolhe as azas,
E, tendo os olhos quentes como brazas,
Atira-se do céu, um doido vôo,
E rola, e as pennas quebra e se ensanguenta,
E cae, e sobre as pedras se arrebenta . .
Assim fazes commigo e eu te abençoô!

Quando tú me disseste :
—Não! Eu beijei, chorando, a tua veste,
E curvando, entre ancias, o pescoço,
Ajoelhei-me a teus pés como um captivo
E te pedi, então, um linitivo
Qual um rei que se vê num calabouço.

E apartei-me sentindo
Profunda magoa, ao ver teu rosto lindo
E teu colo cheiroso,
E teus seios arfantes e trementes,
Como dois anjos maus e impenitentes
De olhos de fogo e olhar voluptuoso.

E tive então saudade
De tua carne moça . . . e quem não hade
Gemer e soluçar de desespero
Vendo o leão de tua juventude
Abrir a guéla num rugido rude
Erguendo o dorso cabelludo e fero ?

O teu lençól cheirava,
A tua carne de onça palpitava
E palpitavam de ancia as tuas pomas . .
Dir-se-ia, formosa, que tú eras
Um rio de delicias e chimeras,
Um oceano de aromas !

Alevantando o braço,
Segredaste-me: Parte! e uns dedos de aço,
A mão de ferro de um soffrer eterno,
Senti de encontro a um peito que te adora
Ó minha noite escura, ó minha aurora,
Men céo e men inferno !

E parti solnçando,
Como um cão que de noite fica uivando
Ao ver a lua refulgir serena . .
E, como um louco, vagueei nas ruas,
Tendo ante o olhar as tuas formas nías
E teu amor de hyena.

E comecei em sonhos
A ver quadros risonhos,
Ora tú me surgias de outras plagas
Sobre uma concha, entre corceis de espuma,
E não havia diferença alguma
Da Venus grega a apparecer das vagas . .

Outras vezes, te via
Como a cabocla tremula e bravia,
Cheia de pennas, o cocar á testa,
O arco e a flecha nas mãos, entre os rumores
Das arvores, das féras e das flores,
Delirando ante a Deusa da floresta . .

Depois, vi-te num throno,
Coroad a fronte em languido abandono,
E junto as mãos o sceptro immorredouro . . .
E assim nem vias o soffrer do pobre
Que de su`alma as illusões descobre
Para cobrir-te os pés de rosas de ouro.

Assim, sempre a encontrar-te
Aqui, alli, além, por toda a parte,
Pnde ver, delirando,
A mim e a ti, a nós, numa carruagem,
Arrebatados á ideal paragem,
Viajando e sonhando !

È pelas rnas cheias,
Eu, com as minhas ideias
È sonhos, caminhei como um vadio . .
È acordei do delirio de repente,
È, ao não te ver, sob este sól ardente
Èstremeci de frio !

Assim, ao duro açoite
Do tédio, eu vi a noite
Surgir, e vi a aurora, e vi o dia,
È de novo outra noite e outra alvorada,
È outro sol, e outra lua, e não vi nada
Que me tronxesse aquillo que eu queria.

Ai ! não me digas nunca
Parte ! pois . . . sendo assim, a garra adunca
Da desgraça far-me-a gemer de magoa,
Sê tão clemente e boa quão formosa . .
O céu, que é tão brilhante, á flor sequiosa
Jámais negou a sua esmola de agua.

Tem piedade e clemencia
Para este amor que é a luz de uma existencia
Cruel paixão que é o céu que além deviso . . .
Misericórdia á dor que me tortura,
Pois este amor, que é minha desventura,
É mais que o paraiso.

Tem dó desta desgraça !
Compaixão para angustia que trespassa
Meu coração afflicto !
Sê compassiva ao meu ingrato fado,
Ó meu formoso anjo amaldiçoado,
Meu demonio bemdito !

Manáus, Fevereiro de 1902.

DESABROCHANDO...

É murro moça ainda . . . Mesmo agora
Lhe nasce a flor dos seios inflamados.
Seus lábios purpurinos como a aurora
São de beijos e risos constellados.

Face infantil onde a alvorada mora,
Dando-lhe uns tons brilhantes e rosados . . .
Olhos, cujo fulgor tudo colora
De lampejos trementes e doirados.

Parece uma ave que se alou, ha pouco,
Desdobrando, em suave desarranjo,
Um canto alegre, descuidado e louco . . .

É um novo céu no brando olhar se esboça
Desta criança transformada em anjo,
Ou deste anjo transformado em moça.

Bahia, 1894.



AS ARVORES

JUNTO ao rio que geme, as arvores frondosas
Se erguem como legiões de monstros soffredores,
Cujas pesadas mãos, torcidas e rugosas,
Lançam na agua e no chão—folhas, fructos e flores.

Seus pés tortos e heris o rio vae roendo,
Os vermes infernaes chupam-lhes as raizes,
As parasitas vão pelo tronco crescendo
Desses grandes heroes cheios de cicatrizes.

O céu, o vasto céu, ás vezes docemente
Lhes derrama os clarões do puro sol de Maio . . .
Outras vezes, porém, dá-lhes um sol ardente,
Quando não as destróe com o furacão e o raio.

Belisca-lhes a ave os saborosos fructos,
A lagarta cruel as folhas lhes estiola,
Emquanto a cobra vil, em seus galhos hirsutos,
Silva, chata e hedionda, e entre os ramos se enrola.

A onça atrevida e má vem de distante, aos roncoss,
Com as garras de punhal feril-as e arranca-as . . .
E pelos arranhões, como o pranto dos troncos,
Vae pingando a resina em lagrimas de opálas . . .

Surge, longo, o verão e despe-lhes os galhos,
Que, quaes braços senis de grandes esqueletos,
Apontam para o céu, como a pedir orvalhos . . .
E ellas lembram então phantasticos Hamletos . . .

Assim, á maldição do sol e a pedir chuvas,
Sem flores a brilhar nos ramos retorcidos,
Ficam tontas de dôr, como se fossem viuvas,
Cujos filhos e paes morreram com os maridos.

No entretanto, apesar de tão erueis tormentos,
O rio ainda lhes róe os pés, ainda as formigas
Lhes abrem na raiz verêdas e aposentos,
Onde vão deseauçar das luetas e fadigas.

Vem o inverno a roucar tufões e trovoadas . . .
Ellas não têm do sol as tunieas brilhantes,
Porém, ainda são roidas e ehupadas,
Por lcsmas e reptis e larvas nauseantes . . .

Mas vem surgindo além a primavera . . . Os campos
Já se enchem de canções e ninhos; a espessura
Já é doirada e azul; os tontos pyrilampos
Ardem; e o prado então se cobre de verdura . .

A agua do rio está cantando e radiando . .
Parece até que brilha um fogo dentro della . . .
O collo a terra vae de flores adornando,
Como noiva idéal para fhear mais bella.

As arvores então se enchem de folhas, onde
Surge a flor e depois o fructo, e após o ninho . .
E se dellas no troneo a lesma vil se esconde,
Pelos seus ramos vòa e canta o passariulho.

São as filhas do amor do sol com a primavera . .
E, á sua fresca sombra, em dias de mormaço,
Espoja-se de goso a fatigada féra
E dorme o viandante ao peso do cansaço.

Verdes, cheias de sol, de ninhos e grinaldas,
Erguem-se entre o fulgor de colossal thesouro,
Como reis triumphaes vestidos de esmeraldas,
Tendo incrustado um sol nas armaduras de ouro.

Mas a abelha revél rouba-lhe das fulgentes
Flores o mel; o verme os fructos lhes consome . . .
E, aos seus pés, em caixões urrantes e gementes,
Raiva o rio a rugir como um leão com fome.

E quem as vê assim — as arvores enormes,
Povoadas de canções, flores e borboletas,
E pompeando no ar uns mantos desconformes,
Mal sabe que ellas são uns miseros calcetas .

Ah! Quem as vê assim, tão cheias de riquezas,
Erguendo um sceptro verde entre as florestas brayas,
Suppõe que está a ver um grupo de princezas,
Quando ellas não são mais do que pobres escravas.

Vivem a trabalhar para o prazer alheio,
Para os vis animaes, sendo o peor o homem.
A parasita audaz faz-lhes caneros no seio,
E ellas raeiam-se após que os bichos maus as comem.

Servem de refrigerio aos males da desgraça,
Por isto Deus as põe sempre num ehão maldicto
Nos rios, ou então nas mattas onde passa
A onça, e a cobra silva, e o vento vòa afflieto . .

Ha no gemer do rio uma agonia extranha,
E tem-n'a o furacão e as mattas seculares . . .
É para consolar uma angustia tamanha
Que as arvores leaes erguem a mão aos ares.

Ao ver-vos a chorar folhas, fructos e flores
Sobre a angustia do rio, em transe de piedade,
Comparo-vos ao poeta em cujas grandes dôres
Acha consolo e amparo a dor da Humanidade . . .

Os poetas, como vós, no verão ou no inverno,
Ou então na primavera, em lutos ou em gloria,
Tornam meos pesado o soffrimento eterno,
E enchem de aroma e encanto as podridões da Historia.

Arvores, abrandaes a immensa dôr dos rios
E até dos animaes, matando-vos ufanas . . .
Tambem com o sangue nós lançamos amavios
Sobre a eterna caudal das miserias humanas.

Villa de Codajaz, Rio Solimões, Janeiro de 1902.



ATRAVÉZ DUNS OLHARES

PENSO então ver um rei triste e dolente
Que, despojado de laureis e throno,
Ergue as mãos, declamando tristemente
A historia do seu tragico abandono.

Pobre rei solitario, que vagueias
Entre os horrores de uma noite escura,
Porque te somes nas fataes areias
Do infinito deserto da loucura?

Que extranha dôr palpita em teu semblante
Como um grande crepuseulo mortuario?
Porque feres os pés, meigo viajante,
Na cruel ascenção deste Calvario?

E elle caminha, pallido e ccleste,
Levando ás mãos o sceptro da agonia
E assim recorda um funebre eypreste
Onde o vento soluça uma elegia.

Pelo seu negro manto esfarrapado,
Outr'ora cheio de amethystas e ouro,
Fulge todo o seu sangue derramado,
Brilliam todas as agoas do seu choro.

No seu rosto cavado, porém moço,
Se estampa o formidando desatino
De quem se vê num frio calabouço
Preso pelas correntes do Destino.

Que rei é este? Porque soffre tanto?
Porque deixou a côrte predilecta,
E anda agora soffrendo como um santo,
E a falar á amplidão como um propheta?

Que grande amor lhe causa esta tristeza
E lhe enche o peito de saudade e magoa?
Deve ser muito linda esta princeza
Por quem seus olhos vivem rasos de agoa . . .

Então a paisagem se ilumina,
 As sombras fogem todas uma a uma . . .
 E surge uma visagem peregrina
 Feita de sonhos candidos e espuma.

Mas esta doce e languida rainha
 Deve reinar em uma terra ignota.
 Qual foi o berço azul desta andorinha?
 Qual o mar que embalou esta gaivota?

Porque seus labios cheios e formosos
 Se entreabrem em ancias invisíveis,
 Como quem busca sonhos mentirosos,
 Como quem tem desejos impossíveis?

Julga talvez que tem aos pés, gemendo,
 Um atleta de fama merecida,
 Que ella a sorrir vai pelo amor vencendo,
 Embora esteja pelo amor vencida.

E então eu penso ver uma batalha
 Onde, em meio a gemidos e lamentos,
 Se ouve o ronco rouquenho da metralha
 Levado para o espaço pelos ventos . . .

E o céu se enche de sombras e desmaios
Soltando a lava dos tufões maldictos . . .
E o espaço se abre blasphemando raios,
E o vento corre estertorando gritos!

E, enquanto na amplidão ha taes horrores,
No chão da guerra cheio de estilhaços,
Gemem heroes, em bruscos estertores,
Loucos de furia retorcendo os braços.

Mas, depois, esta scena pavorosa
Desapparece, e, attonito, diviso
Uma leve paysagem cor de rosa,
Miniatura idéal do paraiso.

E ha flores a noivar pelos caminhos,
E poemas de afago pelos ramos,
Onde, como romans, palpitam ninhos
E, como ninhos, cantam gaturamos.

Uma fada de labios innocentes
Passa a cantar com astros na cabeça,
E á sua voz angelica e dormente
Não existe martyrio que appareça.

E tenho sonhos de ouro . . Mas apenas
 Cerra os olhos que são os meus delirios,
 Supporto sem gemer todas as penas,
 Soffro o mais horroroso dos martyrios.

Pois estas paysagens tão diversas,
 Ora cheias de luz, ora de abrolhos,
 Eu as vejo, tranquillias e dispersas,
 Quando contemplo, extatico, os teus olhos !

Manáos, 1902.



A VICTORIA DO AMOR

No paraíso. Adão contempla, extasiado,
O mysterio sem fim dos tristes olhos de Eva,
E nelles vê brilhar um céu nunca sonhado,
Ora cheio de sol, ora cheio de treva.

E ella, que tem no corpo um outro paraíso,
Melhor que este que Deus lhes déra por eneaunto,
Olha a Adão, e este olhar é doce como um riso,
Fala-lhe, e a sua voz é leve como um canto.

—«Olha as flores e o sol. . . Porque ellas estremecem
Ante a gloria solar que doira a terra inteira? . . .
Porque é que os seios meus palpitam e florescem
Como, aos beijos da luz, floresce uma roseira?»

— Tudo canta. . . No céu, na terra e sobre as águas
Ouvem-se hymnos de amor, palpitações, anseios. . .
E eu reprimo no seio um turbilhão de magoas
Para não perturbar os impetos alheios :

« Sinto vencer-me o corpo uns inórbidos canções,
Um desejo, uma febre, um fogo, uma ancia louca . . .
Porque é que temos nós a doce cruz dos braços,
A alvorada do olhar, e a papoila da bocca? »

Diz-lhe Adão: — « O Senhor fez-nos assim, querida,
Para, que, desprezando o tédio negro e fundo,
Pudéssemos fugir para outra melhor vida,
E, assim, voar ao céu, não sahindo do mundo.

« Ai que ancia! que loucura! » E isso dizendo, tomba
Suspirando, aos pés de Eva extática e surpresa . . .
E ha pelo ar vaporoso um arrulho de pomba,
E ha um desabrochar em toda a natureza.

E contemplam-se os dois, estremecendo. E o veio
Da agua põe-se a cantar pela campina afóra . . .
E a flor pergunta: — Que ave entôa este gorgoeio?
E a ave pergunta: — De onde é que vem esta aurora?

Agora falam baixo, ao perfumado abrigo
Das folhas... Quadro tal, quem poderá pintal o?
Diz Adão:—Ouço Deus, quando falo contigo!...
Responde Eva:—Ouço Deus, quando contigo falo!...

É na gloria ideal da carne moça e nua
Abraçam-se a tremer, ante a inveja das flores.
Foi então que no céu desabrochou a lua,
Protectora celeste e eterna dos amores.

Eva suspira e geme em ancias e delirios,
Crispando as finas mãos feitas de violetas...
É, pensando ver nella um prado todo em lírios,
Beijam-na, a esvoaçar, bandos de borboletas.

Diz Adão em segredo: «Eu não vejo os abrolhos
Ao ver os olhos teus, e ao sentir o teu beijo...
E Eva diz-lhe, a anciar: «Quando vejo os teus olhos,
E beijo os lábios teus, o firmamento vejo».

Então o doce olor das flores, a innocente
Frescura dos vergéis pelas manhãs cheirosas
Se incarnavam no corpo ideal de Eva tremente,
Que era como um rosal todo cheio de rosas.

E aves, flores, e terra, e todo o firmamento,
Eram como o interior de uma encantada igreja,
Onde se celebrava o santo sacramento,
Que aos ninhos e aos jardins causava ciúme e inveja.

Diz Adão: «Somos dois archanjos condemnados
A viver sem gosar, tendo o goso tão perto. .
Amemos, ainda que sejamos castigados
Por termos povoado o coração deserto. . .

«As aves teem um ninho, e o paraíso apenas
É um abençoado e perfumoso ninho.
Se Deus para os vergeis creou as açucenas,
Creamos para nós as flores do carinho.

«Amemos!» Eva cae-lhe aos pés, ebria de goso,
Arfando, a estremecer, quasi desfallecida;
E então viram no céu mais amplo e luminoso
Uma reprodução prompta e fiel da vida.

E o campo se povoou de flores e de azas,
E recau-se o céu dos astros mais risonhos,
E a terra estava a arder como um vulcão em brasas,
E os dois tinham á frente a loucura dos sonhos.

È as aves, no frenesi ardente da nevrose,
Cantavam, ao ouvir a musica do beijo . .
Foi assim que se fez, em louca apothese,
A sagração do Amor, da Carne e do Desejo !

È assim o amor venceu a Deus, o rei dos entes,
Diante de quem o mundo e as gerações se somem,
Transfigurando dois archanjos innocentes
Em dois diabos vis: — uma mulher e um homem.

Bahia, 1895.



POR UM POETA

A CARLOS D. FERNANDES

«Havia nesse livro, que eu em uma hora li sem funda
atenção, um defeito capital consistente na dedicatória,
que é feita a uma especie de ceboleiro de letras, que dá
pelo nome de Mucio Teixeira.

«Ora, eu já conhecia de longa data esse impertinente
micoim do Parnaso; sabia-lhe a psychologia tenebrosa...»

(De um folhetim de Carlos D. Fernandes sobre Frau-
cisco Mangabeira).

POETA! beijo-te as mãos cheio de assombros,
Vendo como reluz o grande manto
Feito de sóes, que me lançaste aos hombros...

Venho curvado e tremulo, que é tanto
O peso da corôa constellada
Que me puzeste á frente por eneanto...

Que a tua ajua divina e victoriada
Se enterneça, pois vou contar-te agora
De um grande poeta a vida amargurada:

Imagina um leão, temido outr'ora,
Quando a juba, frenetico, eriçava,
Rugindo e urrando pela matta enfóra. . .

E então as outras feras humilhava
Pela força e arrogancia e formosura
Com que seus inimigos derrubava.

Imagina-o depois, entre a amargura:
Crispa as garras leaes, e, perseguido,
Vai abrigar-se na floresta escura,

Sem soltar um lamento ou um gemido
Que denuncie a magoa que consome
Seu grande coração incompreendido.

Assim este poeta, cujo nome
Foi um canto guerreiro de victoria
Para os que tinham do Ideal a fome.

Ai! existencia rapida e illusoria,
Que hoje os farrapos da miseria lanças
A quem lançaste as clamides da gloria!

Porque enches de tristeza e de provanças
O coração genial deste poeta,
Que encheste já de crenças e esperanças?

Conheci-o a arrostar a sorte inquieta,
Como o nauta o furor dos elementos,
Com a indiferença heroica de um propheta.

É que elle sabe que o furor dos ventos
Passa, e logo depois fulgem mais puros
Outros sóes em mais claros firmamentos.

Elle sabe que a dias tão escuros
Succede o almo arrebol sempre sonhado
De dias inprevistos e futuros...

Ai, pobre sonhador inccontentado,
A quem o desespero do presente
Quer arrancar os louros do passado!

Bem sei que o seu espirito não sente
Dor alguma por ver como é que o assalta
Uma legião homérica e valente...

Sua affoiteza de hontem não se exalta
E, se ao peito lhe sobra estoicismo,
Por sua vez a submissão lhe falta.

Abençoado seja este heroismo,
Que faz com que elle, impavido e sereno,
Fite o enganoso e traiçoeiro abysmo.

E assim recorda um outro Deus helleno
A cuja enorme audacia todo mundo
Era estreito, miserrimo e pequeno.

É que elle tem o coração tão fundo
Como o oceano, e é, como elle, bonançoso
Ás vezes, e outras vezes iracundo . . .

E, como o mar no leito mysterioso,
Guarda monstros crueis e ideal riqueza
Seu grande coração maravilhoso.

É que nelle o veneno da tristeza
Se destróe ante a força da coragem,
Que o torna quasi igual á natureza.

Sua vida inconstante é uma voragem,
Onde o martyrio vive sempre alerta
É a ventura deslisa de passagem .

Até recorda uma janella aberta
Por onde entra o tufão do desatino,
Que vem roncando da amplidão deserta . . .

É um Prometheu indomito e divino,
Que sorri do furor com que o magôa
O abutre negro e vil do seu destino.

É um doce rei que sem a ideal corôa,
De que já foi o decantado dono,
Um vivo canto de triumpho entôa . .

Firma-se em seu valor, como num throno,
É da injuria fazendo um sceptro augusto,
Fica maior, ficando no abandono.

Assim o cedro válido e robusto
Ri-se do furacão que, blasphemando,
Se agita em roda do seu tronco adusto . . .

È é só por isso que o amo desde quando
O encontrei sob o céu de minha terra,
Contra os ursos da intriga pelejando...

E então pude sondar a luz que encerra
Sen coração repleto de virtude,
Como de paz o cimo de uma serra.

Encontrei-o uma vez, hediondo e rinde,
Junto ao leito de um filho que morria,
E seus sonhos levou num atlaude...

È era tão negra e tragica e sombria
A dor, a que elle estava accorrentado,
Que o não esqueci mais desde esse dia.

E o vejo qual navio abandonado
À chuva, ao sol, ao dia, á noite e ao vento,
Tendo ao mastro possante e inabalado
A bandeira do amor e do talento.

Manáos, 15 de Julho de 1901.

INDICE

NOTAS BIOGRAPHICAS

NOTAS BIOGRAPHICAS

« FRANCISCO MANGABEIRA nasceu na Capital da Bahia, a 8 de Fevereiro de 1879. Era filho legitimo do pharmaceutico Francisco Cavaleante Mangabeira e de D. Augusta Mangabeira, já fallecida. Feito o curso de preparatorios no Instituto Offeial do Ensino Secundario, matriculou-se em 1894, com quinze annos de idade, na Escola de Medicina. Por occasião da terrivel campanha de Canudos, Francisco Mangabeira, que cursava então o 3.º anno medico, fez parte da primeira turma de academicos, que offereceram seus serviços gratuitos ao governo e seguiram para o campo da lucta crudelissima. Em busca daquellas inhospitas paragens, partiu elle da Cidade do Salvador a 27 de Julho de 1897, regressando a 23 de Outubro do mesmo anno, depois de ter prestado, nos hospitaes de sangue, os relevantes serviços, que lhe valeram grandes elogios de chefes militares.

Em 1898, publicou o seu primeiro livro de versos — *HOSIARIO*, que o sagrou vate inspirado e illustre cultor das letras. Antes disso, em 1896, o notavel escriptor Mucio Teixeira havia feito pela imprensa, na Bahia como na Capital da Republica, uma apresentação ruidosa e entusiastica do *novo poeta bahiano*, cuja lyra vibrava ainda os seus primeiros ensaios. Em 1900, deu á estampa a sua maravilhosa *TRAGEDIA EPICA*, composta de uma serie de admiraveis poemetos, que lhe inspirara a guerra que tantas vidas consumira no interior do sertão.

Neste mesmo anno, doutorou-se em medicina, aos 18 de Dezembro, tendo dissertado, na these inaugural, sobre «IMPEDIMENTOS DO CASAMENTO RELATIVOS AO PARENTESCO».

A 16 de Março de 1901, partiu para o Maranhão, como medico contractado da Companhia Maranhense, conservando-se neste posto poucos mezes, e dirigindo-se depois para o Estado do Amazonas, cujo governo lhe deu importante commissão nas regiões do Juruá, Javary, Madeira, Negro, Purús, etc., que elle percorreu.

Saudades intensas da familia e da patria querida fizeram-no regressar á Bahia, em 24 de Dezembro de 1902, onde permaneceu até 2 de Abril de 1903, seguindo de novo para o Amazonas, com destino ao Acre, onde exerceu de modo brilhantissimo as funcções de medico e de correspondente do *Diario de Noticias*, enviando para este orgam da imprensa uma serie de CARTAS DO AMAZONAS, grandemente apreciadas pelo publico bahiano e transcriptas em varios outros jornacs de diversos Estados da Republica.

Os serviços que Francisco Mangabeira prestou, espontaneamente, ao exercito brasileiro (tendo encontrado em Manáos o 40.º batalhão de infantaria, impossibilitado de proseguir a sua marcha em virtude da falta de medicos militares, offereceu-se para acompanhal-o gratuitamente, e, durante alguns mezes, se conservou naquelle posto, abrindo mão a todas as remunerações a que fazia jus) nessa jornada de sacrificios que o seu genio patriotico e aventureiro lhe impoz, nas regiões inhospitas do Acre, conquistaram-lhe os applausos dos chefes da expedição, manifestados em honrosos officios e ordens do dia, já publicados pela imprensa.

Desligando-se de seus excepçionaes compromissos, como medico gratuito das tropas brasileiras, Francisco Mangabeira travou relações intimas com os chefes revolucionarios, merecendo da confiança delles occupar o cargo de secretario da revolução acreana, posto em que um raro talento e um rarissimo civismo o fizeram nobilitar o seu e o nome da Patria.

Em princípios de Novembro, Mangabeira veio a enfermar, accommettido por molestias de pelle. Achava-se elle, por este tempo, em Capatari. Quando se levantou do leito, onde permanecera longos dias, o seu semblante pallido e esqueletico já reflectia a pobreza de um organismo exausto. Aconselharam-no a regressar para Manáos. Elle, porém, não quiz. Sentia-se forte e plenamente capaz de percorrer a rota planejada, indo ter aos extremos das agoas do Xapury. E fez-se de viagem para cima. Pouco adiante, o impaludismo o assaltava. O corpo depauperado não poude resistir a novo embate. Desde então, elle começou a definhar. Um dia, um seu amigo, de passagem naquella terra mephitica, encontrou-o doente no abandono. Offereceu-se para leval-o a Manáos. Elle accitou. A 31 de Dezembro, partiu do logarejo. A 10 de Janeiro, chegava a Capital do Amazonas, depois de uma viagem penosissima, em que passara dez dias a bordo de um calhambeque, em condições de hygiene e de conforto, sufficientes para levarem ao leito os proprios vigorosos e sadios.

Chegou á noite em Manáos. No outro dia, pela manhã, corria toda a Cidade e a imprensa assignalava com palavras de piedade e carinho a noticia de sua volta do Acre em perigoso estado de saúde, que ainda se aggravara na travessia daquelles rios infectos, fermentados pela morte. Hospedou-se num hotel. Os primeiros amigos que o foram visitar demoraram estupefactos deante de sua physionomia, onde boiava a imagem de um crepuseculo nascente. Em todo o caso, seus labios só tinham palavras de alegria e affecto, de saudações e lembranças. Sentia-se forte, aquelle mal era insignificante, havia de passar como outros que se foram . . .

No dia immediato, um seu grande amigo e collega, Dr. Vivaldo Lima, foi buscal-o do hotel para a casa de sua familia. Ahi, recebeu elle as homenagens do affecto, que conquistara no seio da sociedade amazonense,

onde estivera longos mezes e em cuja imprensa collaborara de continuo. Foi logo planejada uma conferencia, na qual tomaria parte grande numero de clinicos. O diagnostico accusou polynevrite palustre, que, encontrando um organismo exausto, o dominara de todo. Urgia o tratamento, que, infelizmente, parecia inutil. . .

Mangabeira, no entanto, julgava-se ainda forte. Era seu grande desejo partir para a Bahia, onde, no concheo do lar, havia de tratar-se. Todos os dias, a toda hora, a todo instante, quem quer que se lhe abeirasse do licito, havia de receber-lhe dos labios palavras commovedoras, que eram pedidos de informação sobre os vapores que iam seguir para o sul, sobre o motivo porque o não tinham embarcado — a elle, que tinha tanta certeza de que ia ficar bom no seio de sua familia, aos arcs de sua terra. . .

Emfim, como falhassem todos os recursos, deliberaram embarcalo para a Bahia, satisfazer a illusão, que tanto o acalentava.

A 22 de Janeiro, partia de Manáos o paquete *S. Salvador*. Annunciaram-lhe a viagem. Elle rejubilou-se, começou a fazer as despedidas, offerecendo seus prestimos, promptificando-se a conduzir objectos e correspondencias.

No dia apazado, logo pela manhã, compareceu o commandante da policia, seu particular amigo, acompanhado por policiaes, trazendo uma grande maca para conduzil-o até a bordo. Esse transporte foi concorridissimo. Medicos, bachareis, engenheiros, pharmaceuticos, jornalistas e poetas; grande numero de collegas, patricios, amigos e admiradores do inditoso poeta enfermo acompanharam-no tristemente até o seu beliche. O commandante do districto, que lhe conhecia de perto os inolvidaveis serviços prestados as forças militares nos acampamentos do Acre, foi até lá cumprimental-o. As despedidas foram feitas entre lagrimas que se contrastavam com os seus sorrisos de saudações, de offerecimentos e agrados.

Do Amazonas para o Pará, foi peorando pouco a pouco, máo grado a actividade do profissional de bordo, Dr. Alvaro Rego, e do cuidadoso

enfermeiro, Eugenio de Barros, especialmente contractado para servir-o durante a travessia.

Conservava a razão, por isso que correspondia aos passageiros que iam visital-o. De quando em vez, no entretanto, apresentava indícios de uma grande fraqueza cerebral.

Quando alguém o chamava — doutor —, elle respondia: — « Eu não sou doutor. Eu sou poeta ». Uma feita, indo umas creanças visitarem-no ao camarote, encontraram-no de pé, ficaram estupefactas e foram chamar o enfermeiro que, chegado, lhe perguntou para onde ia, recebendo, então, a resposta seguinte: « Para o Acre ». Num dos accessos nervosos que teve, lançou mão do anel, collocou-o entre os dentes e separou a garra do aro, machucando-o. Á primeira pessoa que appareceu ao camarote disse então: — « Olhe. Não sou doutor. Até o anel me roubaram. Eu sou poeta — » E, de facto, não tinha no dedo o anel, sendo este depois encontrado em sua propria bocca.

Perguntava de instante a instante em que logar se achava, se longe ou perto da Bahia. Sempre lhe diziam que perto, o que o fazia sorrir, alegre e satisfeito.

Quando a morte estava proxima, elle conheceu-a.

No dia 27, amanheceu pensando na aproximação do desastre, a lembrança de pae e irmãos começou a affligil-o, dizia que, em casa, as suas irmãs estariam rezando para que elle chegasse bom. E, já ia alto o dia, quando, fortalecendo-se a visão da morte, elle exclama: « Como é que morre um poeta com vinte e cinco annos ! » Recebeu ainda algumas visitas. Quando a ultima dellas se retirou do beliche, elle agarrou-se a um ferro do leito e soluçou. — « Morro sem abraçar meu pae ! »

Minutos decorridos, o enfermeiro percebeu-lhe nos olhos os primeiros signaes da morte. Chamou o medico. Este veio, mandando logo dcitar-lhe a vela na mão.

E, assim, ás 2 horas da tarde de 27 de Janeiro de 1904, na altura

INDICE

	Pags.
Ao Leitor	v
Notas Biographicas.....	xi
Mater	3
O Rio Amazonas.....	5
Lucta Intima	13
Hymno Acreano.....	16
Sepulchro em Flor.....	19
Freira Morta	23
Martyrio Extranho.....	25
A Torre de Crystal.....	27
Uma Esmola	35
Ingleza.....	43
Choro e Riso	45
Astros e Flores	49
Ballada.....	53
À uma Florentina.....	59
Adeus.....	61
Supplicio Eterno	63
Quadras para Viola.....	65
Na Aleôva	71
Amarguras sem fim.....	74
Diante de um olhar.....	79

	Pags.
Rimas de Allivio.....	81
Resignação e Descrença.....	85
Mocidade Infeliz.....	89
A Borboleta.....	91
Compensação.....	97
Doce Tortura.....	101
Desolação.....	105
Othelo.....	109
O Ladrão.....	113
Phantasia Turca.....	121
Misericórdia.....	127
Desabróchando.....	133
As Arvores.....	135
Atravéz duns Olhares.....	141
A Victoria do Amor.....	147
Por um Poeta.....	153



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).